

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

AGARELLI, Sergio Valdez . Sergio Valdez Agarelli (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 12min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Sergio Valdez Agarelli
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bruna Gottardo; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 06/02/2015 a 06/02/2015

Duração: 2h 12min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Agradecimentos; Anos 1950; Anos 1960; Anos 1970; Anos 1980; Ditadura; Esportes; Estado Novo (1937-1945); Europa; Eventos e comemorações esportivas; Família; Mulher; São Paulo; Sociedade Esportiva Palmeiras ;

Sumário

Entrevista 06.02.2015 Apresentações iniciais; a origem em São Paulo, no bairro da Mooca; a família juventina; a ida ao primeiro jogo e a infância; a primeira vez no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu); os jogos na rua Javari; as contratações do Clube Atlético Juventus; o episódio com Milton Buzetto; o campeonato Paulista e o Campeonato Paulistinha; lembranças da torcida do Juventus na década de 60, “Tropa de Choque”; a torcida feminina do Juventus na década de 40; a ida do Juventus para a Europa; o relacionamento com a Associação Portuguesa de Desportos; o Juventus na década de 50; a rivalidade entre os times de bairro; a distribuição de panfletos convocando a torcida do Sport Club Corinthians Paulista e a escolha da Tropa de Choque do Juventus; o episódio com o América Futebol Clube; a composição da diretoria juventina; a torcida do Juventus (CAJU) na década de 70 formada por Giorgio Chiaradia; a briga no jogo do Palmeiras e o acolhimento da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP); o episódio da Banda Badalha no carnaval; a organização da “CAJU”; as rivalidades de time e torcida; o Juventus no período do Estado Novo e a não mudança do nome do time; as torcidas na época da ditadura militar; o Zé da Farmácia; o perfil dos torcedores da “CAJU”; o fim da “CAJU” e o renascimento da torcida “JU JOVEM”; o amor ao time frente ao corporativismo das torcidas; o Juventus na década de 80; o início da “JU JOVEM”; o deslocamento da torcida CAJU para os jogos; a estrutura do Estádio Conde Rodolfo Crespi (Javari); a vontade de ser jogador e o episódio com Muricy Ramalho; a rivalidade entre o Juventus e Portuguesa; episódios de brigas marcantes; relatos de campeonatos da década de 80; os confrontos com os times no estádio Javari; o Juventus em comparação à outros times; agradecimentos finais.

Entrevista: 06/02/2015

R. F. – Primeiramente, obrigado pela presença, Sergio. É uma honra ter você aqui hoje, para contar um pouco a história do Juventus, da sua trajetória como torcedor. E, bom, queria começar com você falando o seu nome completo, data e local de nascimento, falando um pouco sobre a sua infância, os seus pais, a sua família.

S. A. – Muito obrigado, eu agradeço. Bom, eu sou Sergio Valdez Agarelli, como você me apresentou. Nasci aqui em São Paulo, no dia nove de julho de 1956. Nasci e cresci no bairro da Mooca, e vivo no bairro da Mooca até hoje. Sou juventino, só juventino, nada mais do que juventino, não tenho um segundo time, e pretendo contar alguma coisa do que eu vivenciei nesses mais de 50 anos de Juventus. A minha origem é de uma família juventina. O meu avô participou, meu avô era italiano, Dom Angelo Agarelli, ele participou da fundação do Juventus. Ele era amigo do Conde Crespi, e, naquela época, ele não era um atleta, ele era um organizador, então ele foi incumbido desta parte do Juventus. O Juventus é de origem de dois clubes de fábrica do Cotonifício Crespi, o Extra São Paulo e o próprio Cotonifício Crespi. O Cotonifício Crespi, de 1924 a 1929, ele é que detém todas as glórias, todos os troféus, e quando ele ganha o campeonato de 1929, não existia campeonato de segunda divisão, a federação da época o convidou para disputar, digamos assim, a primeira divisão, a divisão principal do futebol paulista. Não existia uma forma de acesso, vamos dizer, homologada. Não, era por convite, por *ranking*, ou alguma coisa assim. E nessa época, o Juventus foi obrigado a mudar de nome, de Cotonifício Crespi para Clube Atlético Juventus, em 1930. Então, o que eu conheço, é de 1930 para cá. Vi os arquivos do meu avô e do meu pai, tudo. Todos os jornais de 1930, pelo menos até 1980, foram montados em casa, quando o meu pai faleceu, foram doados ao Juventus. Mas, até aí, o que eu tenho é alguma tradição oral do Juventus, de tudo que me contaram, e coisas que eu presenciei, a partir de 1960. Então, como eu já falei, o meu avô foi fundador, diretor até, mais ou menos, 1950. A partir daí, o meu pai e o irmão dele, Conrado Agarelli, foram diretores do Juventus. Meu pai foi diretor até o falecimento dele, da década de 1950 até 1980. Ele exerceu cargos de secretário-geral, foi diretor de futebol diretamente nos anos de 67, 68 e 69, e, depois disso, exerceu uma gerência da diretoria de esportes amadores. Até falecer, ele ficou nos esportes amadores do Juventus. Eu, da minha parte, fui atleta do Juventus, de *basketball*, eu defendi o Juventus de 1967 até 73, mas minha paixão sempre foi o futebol,

sempre foi. Por mais que eu jogasse basquete, eu fugia para jogar futebol, tentava. Não joguei no Juventus, não vi o gol do Pelé, em 59. Tinha três anos só, não ia ao estádio, você não podia ir ao estádio. Então, primeira vez que eu entrei no estádio do Juventus, para assistir um jogo, foi em julho de 61, quando eu completei meus cinco anos. Aí meu pai me levou para assistir, assisti uma derrota do Juventus para o Botafogo de Ribeirão (risos).

R. F. – Você lembra? Quais são as suas lembranças desse dia?

S. A. – Eu lembro que eu passei dos cinco aos 10 anos de idade sem prestar atenção em jogo nenhum. Por quê? Eu ficava caminhando, eu e meu primo, tinha a mesma idade, a gente ficava... O estádio da rua Javari, ele é muito fácil de você caminhar, era, né? Hoje tem uma série de obstáculos para as torcidas. Na época, eu ficava atrás de palitos de sorvete premiados (risos), que eu trocava por prêmios, no final. Era essa a minha... Então se você me perguntar: - “Você viu tal jogador?”. Lembro de alguns jogadores, porque eram mais famosos, mas até 66, muito pouco, assim, eu lembro do futebol. Eu me lembro que, o que me marca muito eram os jogos com o Corinthians, porque eles eram mais... Com o Corinthians e com o Santos. Eles eram jogos mais, vamos dizer assim, badalados. O Santos porque era o Santos. O Santos não tinha torcida, e costumava jogar no rua Javari. Pasmem! O Santos jogava na rua Javari. O Corinthians veio muito poucas vezes à rua Javari, mas essas são histórias que eu vou contando aos poucos depois, de cada time, como foi a nossa experiência com cada equipe. Muito bem, em 61 fui assistir meu primeiro jogo, tenho fotos lá, meu pai tem, com camisa do Juventus, que minha avó costurou, porque não se vendia. Isso, claro, em 1961, vender camisa, mas... E comecei a acompanhar, meu pai levava a gente para assistir treinos, às vezes, quando dava. E comecei a gostar de futebol, mas eu queria era jogar bola. Então, o que eu fazia? Eu pegava uma bola, e onde é a concentração do Juventus, que hoje tem o nome do meu pai, ali onde é o estacionamento.

R. F. – Sim.

S. A. – Hoje tem, desde 1981 tem o nome do meu pai. Você tinha lá um clube, o Juventus era ali. Então, tinha um *playground*, com banco de areia, com gangorras, tal, não sei o quê. Então,

eu ia todo sábado e domingo para lá, e ia jogar bola. Juntava com os amigos ali, o Tuco, o pessoal todo. Ia jogar bola naquele lugar...

R. F. – Ainda não tinha assento social...?

S. A. – Nada, 61... Assento social, ela começou... Ela foi comprada em 62, começaram a construir, mas ela se tornou utilizável ao público dois, três anos depois. As obras eram muito grandes. Aí eu lembro de algumas equipes de futebol do Juventus, mas lembro, por exemplo, de um profissional não muito forte. Foi forte em alguns momentos, em que você trazia veteranos, e quando eu falo de veteranos, geralmente eu falo de um pessoal que tinha passado por Seleção Brasileira, um pessoal que tinha uma certa, vamos dizer assim, um certo renome, e que vinha jogar no Juventus, e se dava muito bem. Então, quando eu falo: - “Não, eu tenho certeza que o jogador, quando vem do Corinthians, se dá bem no Juventus”, é porque você tem um histórico de jogadores do Corinthians que se dão bem. - “Ah, mas o Palmeiras que é italiano...”. Não, não aconteceu. O Santos, alguns; São Paulo, nem pensar. São Paulo não prestava para ninguém. Então, a maioria dos jogadores vinham do Corinthians. O Juventus, eu me lembro, que a primeira grande vitória do Juventus contra o Corinthians foi, justamente, com gols de jogadores que eram deles (risos).

R. F. – Sim.

S. A. – Por incrível que pareça, aqui, no Pacaembu. Muito bem. Então, meu primeiro jogo foi esse, e meu primeiro jogo aqui, no Pacaembu, foi alguns, uns dois, três anos depois. Eu me lembro que o meu pai me levou por uma entrada que tinha, e, de repente, descortinou aquele estádio enorme. Era a primeira vez que eu entrava no Pacaembu, também. Foi um choque, sabe?

R. F. – Lembra o ano?

S. A. – Ai, meu Deus! Foi um Juventus e Portuguesa Santista, preliminar – Juventus ganhou de dois a zero – preliminar de São Paulo, quatro, Portuguesa de Desportos, três. Um jogo, maravilhoso! Quer dizer, eu estava encantado com o que eu estava vendo. Entrar no maior

estádio que tinha em São Paulo. Bom, que o Morumbi ainda não estava pronto, o Morumbi era só um arremedo de estádio. Aí lembro do meu primeiro dia também no, foi em 63, primeira vez que eu fui ao Parque Antártica, foi um seis a um no Palmeiras. Palmeiras tinha Vavá, era uma academia melhorada (riso), o começo da academia. Tinha Vavá, eu me lembro que o Vavá fez um jogão aquele dia. Também me encantei com o Parque Antártica, era um estádio grande. Mas, mesmo assim, meu amor sempre foi a rua Javari, claro. Bom, comecei a acompanhar mais o futebol, tal, em 67, o meu pai assumiu a diretoria de futebol, mas tinha um vice de futebol muito forte, que era o senhor Mario Previato, que foi, indubitavelmente, o cara que melhor pensou futebol no Juventus, até hoje.

R. F. – Você já estava com 11 anos?

S. A. – Já estava com 11 anos. Meu pai assumiu, tal, não sei o quê, a diretoria, em dupla com um outro senhor, que tinha o apelido de Tirone. Então, eu comecei a vivenciar mais os bastidores do futebol. Foi um ano difícil, eram anos difíceis. Meu pai ficou lá em 67, 68 e 69, e foram... Nos três anos, o Juventus lutou para não cair. Os três anos foram difíceis. Eu me lembro que o que mais trouxe, que me traz orgulho, é que meu pai foi buscar alguns jogadores – ele era um bom observador de jogadores. E, antigamente, você tinha um “olheiro”, que ia pelo interior, mas se você tinha gente no clube que fazia esse trabalho, também era bom. E meu pai fazia muito bem esse trabalho. Meu pai, invariavelmente, as finais de primeira divisão, antigamente era, na década de 60, pelo menos, a principal se chamava divisão especial. E a primeira divisão é o que seria a A2 hoje. E meu pai, ele... As finais, trazia-se para a cidade de São Paulo. Dependendo do público, você via grandes finais ou aqui no Pacaembu, ou na rua Javari. Era normal isso acontecer na rua Javari. Tanto é que o primeiro torneio de acesso, terminou na rua Javari. Aliás, o único filme que se tem da década de 40, na rua Javari, é Guarani, a final da primeira divisão, Guarani e Batatais. É o primeiro acesso que houve. O primeiro acesso que houve na rua Javari foi um jogo, Guarani e Batatais. Existe um filme na internet, e tal, sobre. Muito bonito de se ver, como era o campo, naquela época. Não existia aquela cabine de rádio, no lado das torcidas. O meu pai foi assistir alguns jogos, e ele foi assistir um jogo, se não me engano Bragantino e Barretos. E meu pai voltou encantado com três jogadores do Barretos. Chegou para o doutor Mario Previato lá: - “Olha esses três...”. E, antigamente, se chamava o “trio atacante”: meia-direita, meia-esquerda e o centroavante. O trio

atacante dos caras é sensacional. Vamos lá, e tal, não sei o quê. Foi buscar o trio atacante, que era Andes, Adilson e Brecha. Os três atacantes deles. O Brecha, no primeiro treino, eu lembro que foi o mais famoso, que acabou, em 74, indo substituiu o Pelé, no Santos. Substituir não em categoria, mas usar a camisa 10 do Santos, foi o Brecha, logo depois que o Pelé aposentou, ele, no primeiro treino, quebrou a clavícula. Eu fui assistir o treino, e tal. Mas eu vi o cara treinar, eu não me conformava. Como alguém poderia chutar todas as bolas com o lado de fora dos pés?! Tudo ele fazia. Ele não batia com o lado de dentro, só com... O pessoal fala três dedos, mas nem era três dedos, o três dedos te dá um efeito, ele batia totalmente fora, do lado de fora do pé. Todas as bolas. Desde um passe de dois metros, até uma falta. Muito bem. O Andes e o Adilson vieram, e tal, estrearam. Esse campeonato de 68, o Juventus já estreou aqui, contra o Palmeiras. Eu me lembro que foi um jogo que a gente ganhou, de dois a zero, tomou empate do Palmeiras, tal. E os dois fizeram um gol, o Andes e o Adilson. Aí foi, passou. Passou 69, meu pai foi buscar... Aí o Brecha voltou, começou a jogar, começou a se desenvolver, meu pai foi buscar um centroavante argentino. Como o meu pai tinha bastante contatos na Argentina, havia vivido na Argentina durante algum tempo, na juventude dele, tinha alguns contatos lá, foi buscar um centroavante argentino, mas que estava no Santos, para jogar no Juventus. Esse centroavante se chamava César Luís Menotti. Centroavante-meia. Ele não era um cara de ficar parado, ele era um meia. Menotti veio para o Juventus. Primeiro jogo, Juventus e Palmeiras, 69, já. Primeiro jogo, Menotti estreia no Palmeiras. Palmeiras entrou, pá-pá-pá, Palmeiras fez um a zero, Menotti deu dois dribles, deu um passe, Juventus empatou. Bom, que maravilha, não é?! Segundo tempo virou, Palmeiras veio com tudo. Quando já estava uns cinco a um para o Palmeiras (risos), isso foi no Parque Antártica, o Menotti... O Menotti não, o técnico do Palmeiras resolveu dar uma chance para o goleiro novo deles. Isso foi dia 16 de abril de 69. Então, o goleiro, se eu não me engano, que estava jogando, era o titular, era o Chicão. Então entrou um menino chamado Leão, naquele dia. Então, ele estreou no Palmeiras naquele dia, o Leão e o Menotti. Aliás, o Menotti, nas duas vezes que pisou no Parque Antártica, tomou de seis. Uma como jogador, uma como técnico. Essa é uma (risos) curiosidade sobre o que aconteceu com ele. O Menotti jogou durante algum tempo, no Juventus. Alguns jogos, no Juventus, naquela temporada de 69, e houve um jogo fatídico, na rua Javari, entre Juventus e São Paulo, nesse campeonato de 69, em que ele foi disputar uma bola com um ponta-direita do Juventus, com um ponta-direita do São Paulo, chamado Terto, e o Terto deu uma entrada muito firme nele, e acabou quebrando o Menotti. Menotti saiu de campo, e o capitão do Juventus era

o Milton Buzetto. O Milton Buzetto foi reclamar com o juiz, e o juiz não chamou nem a atenção do Terto, o Milton Buzetto foi lá e agrediu o juiz, sob os aplausos da torcida, que a torcida... (risos). Bom, aí nesse dia em que o Menotti se machucou e ele agrediu o juiz, começou, praticamente, a carreira do Milton Buzetto como técnico. Por quê? Ele foi suspenso um ou dois anos. E, simplesmente, o que você vai fazer com a pessoa um, dois anos? Os contratos eram longos, e o Milton vinha pelo menos há 10 anos, no Juventus, jogando pelo Juventus. Então, o Milton começou a ir lá, foi para assistente técnico, e começou a trabalhar, e depois se tornou técnico oficial do clube. Nessa época, final dos anos 60, começo dos anos 70, o calendário do futebol começou a sofrer uma grande mudança, por conta da Copa do Mundo de 70. E, antigamente, já havia uma pretensão de se fazer o Campeonato Nacional... Fazer, não, formalizar o que já vinha ocorrendo, que chamava-se Roberto Gomes Pedrosa, o campeonato, e você tinha mais um impeditivo, naquela época, que era o tempo que os jogadores ficavam à disposição da Seleção Brasileira, que era dois, três, quatro meses. A Copa do Mundo ocorreu em junho, acho que em abril ou março eles já estava à disposição da Seleção Brasileira. Então, o que eles fizeram? Eles falaram: “Vamos reduzir os campeonatos paulistas, os campeonatos estaduais, e vamos fazer o Brasileiro, tal, mas tem que dar um espaço grande para a Copa do Mundo”. O que aconteceu? Passou-se a fazer um torneio eliminatório entre os clubes pequenos da primeira divisão, para ver quem disputava com os grande, mais a Portuguesa. Os quatro grandes e a Portuguesa. E aí chamou-se torneio “Paulistinha”. Esse torneio “Paulistinha”, ele teve, acho, que cinco edições: teve uma no primeiro semestre de 70, no qual o Juventus não se classificou, para disputar com os grande, mais a Portuguesa. E, a partir dos outros “Paulistinhas”, teve um no segundo semestre de 71, 72, 73, o Juventus sempre se classificou. No de 71, o Juventus foi o campeão, e no de 73, o Juventus nem jogou, porque se deu tão bem no Campeonato Paulista, com os grandes, que ele foi direto já, jogar o de 74. Então, nesse Campeonato Paulistinha, se não me engano, no primeiro... Primeira e segunda edição foi o Guarani, o campeão, terceira edição, o Juventus, e as duas últimas, a Ponte Preta.

R. F. – Quais são as lembranças desse título?

S. A. – Sensacional.

R. F. – Você estava com quantos anos?

S. A. – Ah, eu já tinha meus 15, 16 anos. Aí já existia...

R. F. – Coincidiu com...

S. A. – Começou a “CAJU”¹, aí. Aí começou a torcida “CAJU”.

R. F. – Sergio, retomar um pouco a década de 60, na sua infância, quais são as suas lembranças da torcida do Juventus, nessa época?

S. A. – Bom, a torcida do Juventus, que eu me lembro, ela era, na década de 60, ela era formada... Eu vou fazer uma distinção entre público e torcida. Tinha muito público, e a torcida do Juventus sempre foi pequena, mas era uma torcida mais “barra brava”. Até mais “barra brava” do que é hoje. Você tinha algumas pessoas ali que eram ali da região da Mooca, e que eles faziam o papel, desde seguranças dos jogadores, quando o time ia jogar em algum lugar, até segurança atrás dos gols para a torcida, porque a torcida ficava todas misturadas, tanto faz... Então eles não deixavam a torcida chegar atrás do gol do goleiro do Juventus, eles não deixavam a torcida adversária chegar na arquibancada coberta, que eram as sociais. Agora, eles eram os primeiros a pressionar o time, se o time não ia bem.

R. F. – Tinha alguma coisa com a Tropa de Choque?

S. A. – A própria. Chamava-se Tropa de Choque.

R. F. – E quem que deu esse nome? Como que...

S. A. – Eu não sei como aquilo surgiu, não. A Mooca, por ser um bairro, assim, muito... Como outros em São Paulo, não só a Mooca, como o Brás, por exemplo. Eles tinham muitos times de várzea. Então, quando as coisas apertavam, imediatamente as torcidas dos times de várzea vinham para torcer para o Juventus. Então era...

¹ Clube Atlético Juventus

R. F. – Uma seleção da Mooca, pode se falar, o Juventus? Representava um...

S. A. – Representava um top da Mooca e tal, mas a torcida, às vezes, vinha desse pessoal, da várzea da Mooca. Como eu sei, também, que tem muita gente na Mooca que não gosta, da várzea da Mooca, que não gosta do Juventus por ter ido fazer teste no Juventus e não ter se dado bem, por não ter sido bem tratado, coisas do tipo. Meu sogro era um, por exemplo. Ele jogou na Portuguesa, mas não jogou no Juventus, como é que pode?! E era da Mooca, morava na rua Puris. Então, sempre via o Juventus como: -“Não, não gosto disso”, mas porque passou por uma experiência ruim no Juventus.

R. F. – Sergio, tem uma... Ouvi relatos de que tinha uma torcida feminina, na década de 40. Como que era isso?

S. A. – Tinha, eu vi fotos. Meu pai nunca me falou, mas existia uma torcida feminina, eu vi fotos delas todas de branco, na década de 40, ficavam na social do Juventus, ali na arquibancada coberta, mas eu não sei detalhes. Eu não sei detalhes dessa época. Era uma época muito romântica. E que você jogava dois turnos, você tinha o Campeonato Paulista, você ia fazer... O Juventus precisava de dinheiro, o que ele fazia? Ele pedia para o Corinthians, para o Palmeiras, para o São Paulo para fazer amistoso. Era isso. E eles iam e faziam, eles iam e faziam. Tanto é que, por exemplo, quando convidaram o... O Corinthians, foi o grande convidado para a inauguração, a reinauguração da Javari, em 40/41. Palmeiras jogou na inauguração dos refletores, na década de 50. Então, tinha esse envolvimento com os clubes de São Paulo. Muito mais com os dois, com o Corinthians e com o Palmeiras, mas muito mais mesmo. Com o São Paulo, nem tanto, não era tão assim. Com a Portuguesa, nenhum, pelo contrário. Tinha até, por exemplo, o Juventus, eu sei que ele fez uma excursão na Europa muito vitoriosa, muito famosa, até hoje. Tem placas na rua Javari, na década de 50, 53, se não me engano foi isso.

R. F. – Acho que foi 53 mesmo.

S. A. – 53, foi, enfrentou o Roma, ganhou do Roma.

R. F. – Sampdoria?

S. A. – Sampdoria, foi. Enfim, quando o Juventus foi para lá e fez isso, quando o Juventus voltou, voltou de navio, claro, a diretoria da Portuguesa Santista foi esperar o Juventus e fez um coquetel embaixo da arquibancada deles. A sede social tinha um salão de festas, segundo o meu pai contava, fez um coquetel para recepcionar o Juventus, olha só! E a Portuguesa Santista é um time também tradicionalíssimo, um dos primeiros adversários do Juventus. Você ver como era o relacionamento. Agora, com a Portuguesa de Desportos, o relacionamento começou a entortar na década de 50, quando o Juventus teve o primeiro rebaixamento, em que a Portuguesa entregou um jogo em...

R. F. – Foi 54.

S. A. – 54, é. Campeonato de 54, que o Juventus foi rebaixado. Foi o primeiro, não é? Não existia rebaixamento antes. Isso é dito até pela... Você pega o almanaque da Federação... Tanto é que o Juventus, em 55, como é que foi o... O Campeonato de 54 terminou em 55. Corinthians foi campeão, e tal, na metade de 55. Em outubro de 55, já começou o campeonato de acesso, da segunda divisão. O Juventus foi muito mal. O Juventus, o Jabaquara, os times estavam... Mas, a coisa foi tão forte, a queda do Juventus foi de uma forma tão, assim, aberta, que foi prejudicado por um terceiro, por má fé de um terceiro, que, simplesmente, subiu todo mundo. Subiu no “tapetão”. O Juventus não fez... A Ferroviária, se não me engano, ia ganhar aquele torneio, foi a Ferroviária que teria que subir. Subiu Jabaquara, subiu Juventus, porque eles eram fundadores. Acharam o argumento para trazer todo mundo, eles eram os fundadores. Foi um “tapetão”, subiu. Ai disputou o campeonato de 56, 57, e, nessa época, já assumiu o presidente que pensava longe, um senhor chamado Modesto Mastroso. Ele já pensava longe. Ele já pegou e contratou um time para o Juventus, para o Juventus enfrentar quem fosse. E colocou luz na Javari, foi ele que colocou, e tal.

R. F. – Que ano que foi, você lembra? Final da década de 50?

S. A. – Foi final da década de 50. Eu nunca vi jogo iluminado.

R. F. – Durou pouco tempo.

S. A. – Eu vi os refletores, deve ter durado uns dois, três anos. Eu sei que os refletores, eles ficavam em uma posição, as pessoas reclamavam que eles ficavam em uma posição atrapalhando os jogadores. Mas foi uma época em que o Juventus teve um time muito forte, que foi buscar jogadores, principalmente aí veio o Buzone, que era do São Paulo, o Lanzoni, o Zeola, eram jogadores... Veio jogador do Corinthians, enfim. O time era muito bom. Tanto é que o Buzone, naquele ano, acho que foi 58, fez mais de 30 gols, e não foi artilheiro, porque o artilheiro fez... Era o Pelé, e fez mais de 50. Era uma coisa, assim, estrondosa. Mas foi isso aí. Mas antes do Juventus cair, o Juventus costumava trazer alguns jogadores, era mais fácil trazer alguns jogadores estrangeiros, quando começaram a sair muita gente da Argentina. Foi a época que foi embora o Di Stéfano, e outros mais foram. Não sei o porquê, nunca analisei o que estava acontecendo na Argentina, nessa época. Mas, vieram para o Juventus, acho que dois ou três jogadores. E nessa época, o Juventus também estava bem, 52/53, foi um campeonato que o Juventus não estava bem, e o meu tio, nessa época, era o diretor. Ele contava o seguinte, que contrataram um feiticeiro. Tava mal, Juventus não vai ganhar, não sei o quê, contrataram um feiticeiro. E esse feiticeiro fez lá, falou assim: - “Vamos esperar hoje à noite, que o Juventus vai jogar amanhã, vamos esperar hoje à noite, e o Guarani – o Guarani o campeão - e vamos ver o que acontece, vamos observar o que vai acontecer”. Então ficaram na Javari. Então 53, não tinha nem iluminação na Javari. Tinha aquela iluminação das casas, iluminação da arquibancada, mas iluminação de estádio, refletor, não. E ficaram esperando. Dizem que partiu do gol, onde hoje é a concentração do Juventus, em direção ao gol, onde existe a maior torcida do Juventus, mais importante, que é o setor dois, partiu um gato negro. Partiu, atravessou o campo e entrou no gol do setor dois. Entrou no gol do setor dois e... Bem, quatro a um para o Juventus, naquele dia, dia seguinte. E daí ficou a mística do gato negro, porque o gato negro, o gato negro... Hoje os meninos do setor dois cultuam o gato negro, até. Até hoje você tem lá uma, de vez em quando aparece um trapo lá com a figura do gato negro, quando as coisas apertam, isso acontece. Então, aquele gol, que hoje seria, ele fica embaixo de árvores frondosas de uma antiga creche que existia ali, e tal, ele é chamado, hoje, o gol do setor dois, ou o gol do gato negro. Só, ninguém lá chega lá e fala: - “Ah, não, ali o Pelé...”. Ali eu não vi ele fazer isso. Eu não assisti. Agora, eu vi o Menotti fazer um gol de bicicleta, o último gol dele foi de bicicleta, ali. Eu vi o Juventus ser campeão da Copa Paulista com um gol ali. Para mim, o

importante é isso, você entende? O que os outros fizeram, para mim... Ele tem lá as glórias dele, eu vi jogar, foi o maior de todos... Foi. Mas o meu time está acima de tudo. Então, isso foi 50, isso foi 60. A torcida, como eu te perguntei, a torcida era uma torcida mais “barra brava” do que existe hoje. Por exemplo, é famoso o jogo em que o Santos veio, e o Santos quando vinha à rua Javari, quando você ia, era quatro, cinco, seis, sete, dez. Onze/dez lá na Vila Belmiro, quando eles iam na Javari, era quatro, no máximo (risos). Já sabia o que ia acontecer. E eles vieram, vieram com uma bandinha...

R. F. – Era a bandinha do Salu, será?

S. A. – Não sei, era uma bandinha que veio do Santos, e ela acabou ficando com o Juventus. Não sei por que, entende? Antigamente existia uma arquibancada onde hoje, lá, é aquela área para pessoas especiais, ali, destinada. Você olhando a arquibancada... É perto do estacionamento?

R. F. – Sim.

S. A. – Ali era uma arquibancada de madeira, enorme, grande. Mas muito, assim, precária. Eu conheci ela de forma precária, não sei como ela era no início. Parecia arquibancada de circo. Você ia, mas tinha cada buraco que você tinha... (risos). Bom, e a torcida do Santos ficou lá. E tocou a bandinha, bandinha, e o Santos dando um baile, até que a Tropa de Choque foi, subiu, desceu a torcida do Santos, mas ficaram os instrumentos.

R. F. – Que ano é isso?

S. A. – Ah, isso aí é começo da década de 60. Eu não presenciei, eu não presenciei isso não. Isso foi muito contado para mim. E conhecia as pessoas, que era o pessoal lá na Mooca, e tal.

R. F. – Eles eram de algum clube de várzea específico?

S. A. – Eu não sei se eles eram de algum clube de várzea específico, mas eles... Tudo que era da Mooca eles torciam. O Mooquense é extremamente bairrista, ele é, por si só ele é. E tinha

uma rixa entre os clubes de várzea, tinha, na época, acho que hoje não deve ter mais, entre a Mooca e o Brás. E uma vez o Juventus precisava, isso eu vi, precisava vencer a Prudentina, por causa do descenso, do famigerado descenso. E promoveu, no dia do jogo com a Prudentina, promoveu uma partida entre, se não me engano, era o Parque da Mooca e o Apea, do Brás. Você não precisava dizer nada para os caras.

R. F. – Na preliminar?

S. A. – Na preliminar. Você não precisava dizer nada para os caras. Ele pediu para o Apea se trocar no vestiário que seria da Prudentina, e cedeu o outro para o Parque da Mooca. O uniforme do Parque da Mooca, um uniforme inconfundível, branco e preto. Só que o do Apea era igualzinho o uniforme da Prudentina, quer dizer, foi feito... O “pau quebrou”, a briga continuou, foi para dentro do vestiário do Apea. Só que o pessoal da Prudentina já estava lá. Foi uma confusão terrível (risos), foi uma confusão terrível. Futebol tinha essas coisas antes, tinha muito dessas... Hoje não se admite mais que isso aconteça, por mínimo que ocorra, você tem aí uma suspensão, você perde mando, você tem interdição de estádio. Eu acho que algumas coisas são... Certas, algumas coisas, são exageradas.

R. F. – Se pintava muito vestiário de visitante?

S. A. – Se fazia muitas coisas no vestiário do visitante. Pintava-se um pouquinho antes deles chegarem, os caras entravam com aquele cheiro, tinta fresca. O que se vai fazer? Higiene. O interior era muito pior, era muito pior. Me lembro um dia, um jogo em Rio Preto, em que nós chegamos, chegamos escoltados, no antigo estádio do América. Era um campo muito bonitinho, ficava em frente a uma igreja. Nós chegamos escoltados pela cavalaria. O Juventus hospedava-se em Ibirá, que é uma cidadezinha lá perto, e o ônibus, escoltado pela cavalaria, entrou, tal. Até aí, tudo calmo. Aí esqueceram a chave do vestiário, era embaixo da arquibancada. O vestiário era embaixo da arquibancada, então, quando você estava no pré-vestiário, na sala, você estava embaixo, e começou a cair coisa do lado de dentro. Aí entramos, tal, não sei o quê, os caras foram entrevistar meu pai, que era o chefe da delegação: - “Não, a gente acredita que o povo é ordeiro...”. Ele começou a fazer aquela média toda, para acalmar os ânimos. Mas não demorou 10 segundos, caiu uma bomba do lado dele, um “morteirão”,

estourando, então acabou com a entrevista. Tinha um furo na arquibancada, no concreto da arquibancada, para dentro do vestiário.

R. F. – Do vestiário? Nossa! (risos)

S. A. – Era assim.

R. F. – Que ano? Você lembra isso?

S. A. – Eu acho que deve ter sido 68.

R. F. – 68?

S. A. – É, porque 67 aconteceu alguma coisa assim, parecida, com o América, na rua Javari, em que... Isso é uma coisa que hoje seria condenável, mas...

R. F. – Lógico. Sim, sim. Faz parte.

S. A. – O que aconteceu? O América era um timaço. E aquele jogo que eu me referi, quando o Juventus perdeu do Palmeiras, que ele foi buscar a salvação dele no TJD², mas o que aconteceu? O América tinha um timaço, e o Corinthians foi jogar lá. E no jogo seguinte, era na Javari. O Corinthians foi jogar em Rio Preto, tomou de três a zero no América, foi o baile. E atiraram alguma coisa no campo, e acertou a cabeça do jogador do Corinthians, do zagueiro do Corinthians, que era o Ditão. Ele jogou enfaixado, aquela história toda. Hoje os caras põem aquela toquinha de natação, mas, na época, enfaixava... Era um drama. Durante a semana, o vice-presidente, na época, do Juventus, chegou e falou assim, para mim: - “O que você vai fazer? Fulano já está de férias?”. - “Já estou de férias”, tal, não sei o quê. Ele falou: - “Então eu tenho uma coisa para você fazer. Você vai ficar na porta do Parque São Jorge, vai ficar distribuindo os panfletos”. Distribuir panfleto, na época, era a coisa mais perigosa que existia no mundo.

² Tribunal de Justiça Desportiva

R. F. – Sim, sim.

S. A. – O que tem no panfleto? O meu pai quis saber. Não, vai ser convidando a torcida do Corinthians.

R. F. – Você era pré-adolescente, nessa época?

S. A. – Eu tinha 11/12.

R. F. – Sim.

S. A. – Sabe, convocando a torcida do Corinthians. Então, fiquei na porta do Parque São Jorge, me deixaram lá distribuindo panfleto. O medo era a policia dava em cima por panfletagem política, mas aquilo não era politico. Então, o que dizia o panfleto? Que o América ia jogar na Javari, no domingo seguinte, que eles estavam convidados. Bom, foi isso que aconteceu. Aí começou a coisa. Começou a ganhar, e tal. Invés do América entrar pela rua Javari, onde seria o caminho mais curto, fizeram o América entrar pela rua dos Trilhos, por baixo do placar. Então eles cruzaram todo o setor dois e foram, no meio da torcida. Mas eles estavam escoltados pela Tropa de Choque do Juventus.

R. F. – Ah é?

S. A. – A Tropa de Choque botou a mão do ombro dos caras, e vamos entrar, vamos entrar. A torcida do Corinthians ficou aonde fica a torcida do adversário, ali. Lotou aquilo lá, só querendo, só esperando. Quando os jogadores chegam no vestiário, tinha time de várzea se trocando lá, então eles ficaram lá fora. - “Não, não tem problema”, tal.

R. F. – Que era uma preliminar?

S. A. – Que era uma preliminar. Quando eles perceberam, a roupa deles, o fardamento de jogo deles, já estava sendo distribuído pela torcida do Corinthians. Já tinham tomado do ônibus (risos).

R. F. – Já tinham tomado o uniforme do América?

S. A. – O América não teria uniforme para jogar aquele jogo, para começar. Bom, aí eles entraram. Quando entraram (risos), quando entraram no vestiário, eles tinham um time, eu me lembro que tinha um atacante deles que jogou no Juventus, Cardosinho, o cara era muito bom jogador. Mas quando eles entraram no vestiário, a Tropa de Choque entrou junto. Ali aconteceu.

R. F. – Eles escoltaram para...

S. A. – Escoltaram até dentro do vestiário (risos). E lá dentro do vestiário, a coisa aconteceu.

R. F. – Aí inverteu...?

S. A. – Aí inverteram a coisa, você entende? Bom, o América, naturalmente, não entrou em campo. Só que o América, ele disse o seguinte, ele alegou não ter entrado em campo, porque ele não tinha time para entrar em campo. Os jogadores ficaram feridos, pela briga, não sei o quê, não sei o quê lá, não tinha time para entrar em campo. E o Juventus acabou provando, pela lista do hotel, que eles teriam, pelo menos, 11 pessoas para entrar em campo. Não teriam uniforme (risos), mas... Bom, era selvagem? Era. Era muito selvagem o futebol, naquela época. Não chegava nos níveis de hoje, do que acontece hoje. Você não ouvia falar “Fulano morreu”. Não. Tinha essas, vamos dizer assim, hoje a gente dá risada, era o cúmulo para a época, mas acontecia. Mas acontecia lá também. O normal de você ir para o interior e jogar lá era você ter algum problema com a sua comida, esse era o mais comum de acontecer, no interior. Eles já sabiam onde você ia se hospedar, aí acontecia. Enfim, o Juventus acabou perdendo aquele jogo aqui, mas acabou ganhando no TJD a chance de permanecer na primeira divisão. E ainda não tinha o Zé Ferreira Pinto ainda aí, no comando do futebol. O presidente era um lorde, um comendador, Roberto Ugolini. Ah, e uma coisa, deixa eu deixar registrado aqui, o Juventus,

até hoje, seis de fevereiro de 20015, nunca teve um presidente juventino, na acepção da palavra. Nunca, nem o conde era juvetino. Nem o conde. O pai do conde era palestrino. E o conde, segundo dizia o secretário-geral da época, era são paulino.

R. F. – O conde Adriano, ou o conde Rodolfo?

S. A. – O conde Rodolfo, me parece que ele assinou a fundação do Palmeiras... Mas, enfim. Agora, segundo dizia o secretário...

R. F. – O Adriano...?

S. A. – Estamos indo nos primórdios. O secretário do conselho, o secretário-geral da época, que era o segundo homem que mandava lá, não sei o quê, e o filho dele é torcedor do Juventus até hoje, que é o Sérgio Cipullo, era são paulino. Não sei qual dos São Paulos, se o paulistano, se o São Paulo da floresta. Mas o Juventus era sempre o segundo time. Era e continua sendo, e sempre foi, por todos os outros presidentes, até hoje. Se tiver algum presidente que diga que é juventino, não é verdade, não é verdade. Vice-presidentes, diversos. Vice- presidentes, muitos, agora presidente, não. Não tivemos essa honra de ter um presidente juventino, e eu acho que vai demorar, acho que vai demorar. O atual é palmeirense, o anterior era corinthiano, o anterior a ele era são paulino. E tinha presidente que não gostava de futebol. Que odiava futebol, e queria vender a rua Javari para o Extra, para fazer supermercado. Ainda querem, ainda querem. Querem para fazer outras coisas agora, mas... Infelizmente, é isso que ocorre. E sempre ocorreu. Eu queria deixar isso registrado, para que ninguém venha dizer que é juventino desde que nasceu. Não, não é.

R. F. – Claro, sim, sim.

S. A. – E não é mesmo.

B. G. – Sergio, quem que escolhe o presidente, como funciona?

S. A. – Por conselho deliberativo. Até agora, até esta última escolha, foi por eleição indireta, conselho deliberativo. Me parece que a próxima é por eleição direta de sócios, só que o número de sócios do Juventus é muito pequeno, hoje, já teve 120 mil, hoje deve ter três, quatro, cinco mil, no máximo, se for verificar, realmente.

B. G. – E quanto tempo de gestão?

S. A. – Dois anos. Dois anos com direito a uma, se não me engano, a uma reeleição. Se eu não me engano, é isso. Bom, isso posto...

R. F. – Voltando para a década de 70...

S. A. – Isso posto, voltando para a década de 70, então o Juventus, nessa época, ele começou... Antigamente, os jogadores ficavam muito tempo no time, você criava um vínculo. Ainda mais na Mooca, que todo mundo conhece todo mundo. Se nos times grandes era assim, você imagina em um time pequeno como o Juventus. Tem gente que falava time médio, não, time pequeno, sempre fomos pequenos. Tivemos alguns times bons, alguns relances. Na década de 80, principalmente, mas o Juventus sempre foi um time pequeno. Grande, grande mesmo, é só os três, aqui na cidade de São Paulo. Pequeno, para mim, é o Juventus, a Portuguesa, o Nacional e o Guapira. Os quatro times da capital. Bom, começou a década de 70, e o afluxo de jovens, ocorreu o mesmo fenômeno que ocorreu recentemente, quando o público no Juventus estava morrendo, uma torcida geriátrica, que estava acabando, tinha três, quatro. De repente, o Juventus se renovou. Como ocorreu agora, no ano 2000, no setor dois, na época ocorreu com a “CAJU”, e a “CAJU” e o setor dois tem muito em comum umas coisas e nada em comum em outras. Por exemplo, a “CAJU”, ela foi formada por um italiano romanista, torcedor do Roma, chamado Giorgio Chiaradia, chamado Gigio.

R. F. – Morador da Mooca?

S. A. – Na época, era morador da Mooca, morador, se não me engano, da Baixa Mooca. Então, ele...

R. F. – Você lembra a idade dele, assim, ele era jovem?

S. A. – Ah, ele deve ter uns 10 anos mais do que eu, ele deve ter quase 70 anos, hoje. Eu sei que ele é de fácil contato, porque ele tem negócios em Alphaville. Então, na época, ele deveria ter uns 21/22 anos, por aí. Mas já frequentava o Juventus. E aquilo foi se formando atrás do gol. Só que a torcida do Juventus é uma torcida itinerante. Uma torcida mais fanática, ela é itinerante. Ela se desloca de gol a gol. Ela vai sempre atrás do gol adversário, sempre. Esse é o padrão. Essa é uma diferença do setor dois. O setor dois fica no setor dois, no lugar dele. As outras torcidas sempre se deslocam. Muito bem. Então, ele começou a formar... Então, alguns jovens, por exemplo, eu me lembro que muita gente do basquete foi para torcer, para montar essa torcida.

R. F. – O pessoal de dentro do clube mesmo?

S. A. – O pessoal de dentro do clube, das escolas em volta. Então, o cara mais famoso que tinha nessa torcida, ele estava na minha classe, na minha escola, no colegial. Estava na minha classe, no colegial, e frequentava o Juventus, era o Pasquale Cipro Neto, o professor Pasquale. Ele era juventino? Era juventino. Eu falava: - “Não, que você é palmeirense”. Nossa, ele queria me bater (risos). Ele se ofendia, se ofendia mesmo, quando eu falava que ele era palmeirense. Sempre confundem a gente com palmeirense. –“Ah, mas você torce para o Palmeiras, você é italiano?”. Não, não torço para o Palmeiras, pelo contrário. Nós tínhamos uma grande bronca do Palmeiras. Por quê? O primeiro confronto que a torcida teve, não foi com a portuguesa, não foi com a torcida da Portuguesa. O primeiro confronto foi em maio de 72, véspera do dia das mães, no Parque Antártica. O que aconteceu naquele dia? Nós estávamos lá, e nós não levávamos nada. Não existia uma faixa “CAJU”, não existia nada. Existia as pessoas. A gente ia com uniforme do Juventus, e com a camisa que se comprava, ou se mandava fazer, na época era muito difícil. Ou se ganhava do time, e nós estávamos bem atrás, na curva. Acho que, se não me engano, aquela curva permanece hoje lá no campo novo do Palmeiras, que é atrás do gol. Embaixo do, bem de frente da piscina, do outro lado. Ali, nós estávamos ali, estádio lotado, Palmeiras, um timaço, e o Juventus tinha acabado de ganhar o Campeonato Paulistinha, então tinha um timaço também. O Juventus dominando o jogo. O meio de campo do Juventus era fabuloso. Ele rivalizava muito com os outros meios de campo. E olha que do outro lado você

tinha Dudu, Ademir e, se não me engano, era Pastoriza, ou Madruga, eu não sei, era um jogador argentino. O Juventus... Bom, o juiz virou o jogo aquele dia. Eu não lembro nem quem era o juiz, nem quero lembrar. Sei que ele virou o jogo, aquele dia, para o Palmeiras, e um dos jogadores do Juventus perdeu a cabeça, em uma jogada que ele foi de bico no Leão, ele pisou no Leão. Na hora que ele pisou no Leão, começou a briga dentro de campo. Houve uma briga generalizada dos 27 contra os 27, os reservas entraram. Foi uma briga generalizada, e sobrou para a gente, na arquibancada. Quando sobrou para a gente na arquibancada, nós começamos a se agredir. Mas eram uns 20, 30.

R. F. – E era, quem começou a agredir era, assim, torcida normal?

S. A. – Torcida normal, torcida normal.

R. F. – Porque já tinha a TUP³, na época, não é?

S. A. – Pois é. Quem que veio nos tirar? A TUP. A TUP veio, ela entrou no meio dos caras, dando porrada nos caras, fechou a gente. Fez assim, os militares chamam movimento de Torquês. Eles entraram assim, fizeram isso em volta da gente, e recolheram a gente. E fizeram a gente torcer no meio deles. Falaram: - “Torce à vontade”. Vocês estão sendo roubados? Vocês estão sendo roubados. O time de vocês é bom? É bom.

R. F. – Você lembra algum nome da TUP?

S. A. – Ah, eram duas senhoras loiras.

R. F. – Pascu...

S. A. – Não lembro o nome de ninguém. Eram duas moças loiras, na época, duas moças loiras, duas jovens loiras. E a partir daí, não que a TUP nos adotou, mas existia uma amizade. Tanto é que, naquele... No ano seguinte, o Plínio Marcos, que era um grande teatrólogo, diretor de

³ Torcida Uniformizada do Palmeiras

teatro, bastante contestador, ele fez um movimento, no carnaval - eu acho que as torcidas uniformizadas não podiam sair no carnaval, tinha uma restrição desse tipo-, chamava-se Banda Bandalha. Ele fez todas as torcidas desfilarem juntas pelo centro da cidade. Saiu do Largo do Paiçandu, deu uma volta enorme, e tal.

R. F. – Você estava lá?

S. A. – Estava, isso eu tenho foto, isso eu tenho foto, da Banda Bandalha. E ele fez a gente, todos desfilarem, e nesse dia, quem, também, nos acolheu, foram as moças da TUP. Mas eu me lembro que elas eram as poderosas, na época, que foram elas que mandaram fazer, nos salvar, depois nos trataram daquele jeito. Eu acho que a “Mancha”⁴ nem existia nessa época.

R. F. – Não, é da década de 80.

S. A. – A “Mancha” é posterior. Eu lembro da “Mancha” vindo depois, tal, bem menor. Depois cresceu, claro. Eu acho que a “Mancha” não existia, era a TUP mesmo que existia

R. F. – A TUP que protegeu do...

S. A. – Foi a TUP. Mas nós nunca tivemos problema com ninguém. Com Gaviões⁵, com ninguém. Com nada, nada.

R. F. – Você acha que teve alguma influência? Por que os Gaviões surgiram em 69, a TUP em 70, a Torcida Jovem em 69. Você acha que isso, de alguma maneira, o surgimento das torcidas uniformizadas...

S. A. – Sem dúvida.

R. F. – Influenciou na “CAJU”...

⁴ Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras

⁵ Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians

S. A. – Influenciou no Juventus. Influencia, isso você vai por osmose. Vai sim, claro. Ah, vamos nos organizar, tal.

R. F. – O nome “CAJU” era...?

S. A. – “CAJU” porque era Clube Atlético Juventus, mais nada. Você entende? “Vamos por ‘CAJU’”, tal. Eu sei que existiu uma “TUJU”, alguma coisa pequena. Eu acho que depois da “CAJU”, houve... A “CAJU” terminou, acho que antes da metade da década de 70. Se continuou indo, mas não se ficava mais junto, cada um ia para um lado. Só veio a JU JOVEM, em 1981/82, se não me engano, eles apareceram.

R. F. – E como que... Existia alguma organização da “CAJU”? Tinha sede, tinha...?

S. A. – Nada.

R. F. – Nada? Era muito informal?

S. A. – Nada, era tudo muito informal.

R. F. – Carteirinha? Não tinha...

S. A. – Nada, não se cobrava nada. Se fazia as bandeiras em casa.

R. F. – Você lembra de algum dia vocês fazendo a bandeira, você tem essa lembrança?

S. A. – Minha vó era a costureira oficial. (risos) A minha *nonna* era costureira, dona Josefina Agarelli. Ela que era a costureira oficial do time, da “CAJU”. Então, fazia aquelas bandeiras, você entrava com...

R. F. – Com o mastro?

S. A. – Com o mastro, normalmente. Você não tinha nenhum... Você ia com o mastro. Era difícil levar, claro. Era difícil levar porque, na época, nem Kombi a gente tinha (risos). Nem ônibus, muito menos. A gente acompanhava pouco, no interior. Você não tinha times na grande São Paulo disputando a primeira divisão. Acho que o único time na grande São Paulo, na época, acho que era o Saad, de São Caetano. Mas acho que disputou uma ou duas primeiras divisões, depois não disputou mais. O nosso âmbito era mais São Paulo. Dificilmente saía, por condição econômica. Sabe, era uma série de questões, era todo mundo estudante, todo mundo adolescente, então. Você tinha certos... O pessoal da Tropa de Choque não se misturava com a gente.

R. F. – Como que eles viam assim...?

S. A. – Eles, até, os filhos deles...

R. F. – Eles eram mais velhos que vocês?

S. A. – Muito mais velhos. Muito. Era um pessoal entre 30/40 anos de idade.

R. F. – Mas eles não brigavam mesmo, em si?

S. A. – Brigavam. Era tipo *hooligans* mesmo, eles gostavam de uma briga, você entende?

R. F. – Sim.

S. A. – Era briga mesmo, e era isso a paixão deles. Mas era um pessoal que acompanhava, esse pessoal da Tropa de Choque, era um pessoal que vinha da década de 40. Eram jovens da década de 40, que na década de 60, ainda se achavam jovens em confronto (risos).

B. G. – E eles tinham algum tipo de identificação? Eles usavam alguma roupa, alguma coisa que identificasse?

S. A. – Não, nada, nada. Eles eram... Imagina só: era o açougueiro, o dono do bar, pessoal... O barbeiro. Eram essas pessoas, você entende? Eram muitos operários dali. O Juventus sempre teve, e o estranho que isso continua. A torcida do Juventus sempre foi Mooca, Ipiranga, muita gente do Ipiranga, e gente do ABC. Por incrível que pareça, vinha muita gente do ABC, pela facilidade que você...

R. F. – Sempre isso, sempre teve isso?

S. A. – Sempre você teve isso. Por causa do trem. A estação, muito embora o Juventus, ele não tenha um nascedouro ferroviário, como é o Nacional, que era o SPR antigo, mas o Juventus, ele tem uma estação de trem muito próxima, e a rua de trás chama a rua dos Trilhos. O que era a rua dos Trilho, no passado? Um ramal ferroviário que saía lá da central e vinha até o jôquei clube, para trazer os cavalos. A minha família morava do outro lado da rua, do outro lado dos trilhos, nasceu todo mundo lá. Então, tinha uma... A gente vivia lá, praticamente. A vinculação do Juventus com a parte ferroviária é essa, não tem nada mais. Não vem, por exemplo, de funcionários, como é o Nacional, que também é glorioso. Nós vamos enfrentar, estamos ávidos por enfrentar o Nacional.

R. F. – Falando um pouco das rivalidades de time e torcida, quando... Quais você acha que eram rivalidades?

S. A. – Você tinha uma rivalidade com o glorioso Ipiranga.

R. F. – É?

S. A. – É. Inclusive, quando... Eu não trouxe as estatísticas. Eu as tenho todas, mas o Juventus sempre foi, no confronto com o Ipiranga, foi um confronto desvantajoso para o Juventus. Sempre foi. O confronto com o Juventus em relação ao Nacional, o contrário. O Juventus tem ampla vantagem. Mas sempre teve isso. E o Juventus também devia ter, nos seus primórdios, o Juventus jogava com... Imagina só o que devia ser a Mooca, na época. Você tinha, na primeira divisão, o Juventus, que era o Cotonificio Crespi, que o campo era ali, e era chamado o Campinho, na Alameda Javri, que era um terreno do Crespi. Você tinha, onde é a Praça Kenedy,

o campo do Albion. O Albion era o time da Alpargatas. Primeira divisão também. Você tinha, muito próximo, no Arca, o campo onde o São Paulo jogou, algumas vezes. Não o São Paulo Futebol Clube, mas o outro São Paulo. Você tinha um belíssimo estádio ali.

R. F. – Que era perto do Antártica?

S. A. – Onde é o terreno do Antártica, hoje, 50 metros dali. Você atravessava o rio, do outro lado, no Cambuci, você tinha a Portuguesa de Desportos, o campo da Portuguesa era lá. E o Ipiranga, ao lado. Então, ali...

R. F. – Fervia.

S. A. – Gente, se vocês precisarem interromper...

R. F. – Então, só para trocar a fita.

S. A. – Oh, gente. Perdeu tudo?

R. F. – Não.

[FINAL DO ARQUIVO I]

Nome do entrevistado: Sergio Valdez Agarelli

Local da entrevista: São Paulo - SP - Brasil

Data da entrevista: 06/02/2015

Entrevistadores: Bruna Gottardo; Raphael Piva Favalli Favero

Nome do projeto: *Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo*

Transcrição: Fernanda de Souza Antunes

Data da transcrição: 02/03/2015

Transcrição conferida por Raphael Piva em 28/04/2015

Entrevista 06/02/2015

S. A. – Cronologia.

R. F. – Você gravou? Está gravando?

Voz masculina – Agora está.

R. F. – Retornando agora.

S. A. – Quer dar a introdução?

R. F. – Não, não. Você ia contando uma história, Sergio.

S. A. – Não, é que a gente estava aqui analisando, fazendo elucubrações sobre o que acontecia, na época. Você tinha, na época da ditadura militar, a qual eu... Eu não sei como é que foi, eu acho que foi pesado, também, na época do Vargas. Eu sempre, por exemplo, achava: por que o Juventus não mudou de nome? Por que o Espanha virou Jabaquara, o Germânia virou Pinheiros, o Palestra virou Palmeiras, o Espéria virou Floresta, depois voltou... Por que o Juventus não? Primeiro que, quando você analisa aquela época do Estado Novo, você vê a constituição, que eu tive acesso, das atas de diretoria do Juventus, tinha sempre um militar. Você tinha um interventor lá dentro.

R. F. – Na década de 30?

S. A. – De 30/40, até a metade. Você tinha um interventor lá dentro. Juventus não mudou de nome por quê? Eu fico imaginando o que ocorreu, naquela época, em que se declarou a guerra. Ficou até... Aquela xenofobia tremenda, tal. Não sei se com razão ou não, mas era guerra. Mas por que o Juventus não mudou de nome? Porque Juventus não é uma palavra italiana. Juventus

é latino, uma palavra latina, que significa *gioventù*, que é o italiano juventude. Então, é por isso que o Juventus não mudou de nome, é o Juventus, viu pessoal. Não é a Juventus. Porque lá se usa *la squadra, la giuve*. Aqui é o Clube Atlético Juventus. Ninguém chama a Palmeiras. O Palmeiras, não é? Então, o Juventus não mudou de nome por causa disso, mas havia essa intervenção. Mas houve, segundo conta um amigo nosso, que é o Sérgio Cipullo, do Juventus, o pai dele era o secretário-geral, na época. O Juventus tinha diretores italianos, então, por isso, houve uma intervenção no Juventus. O que aconteceu? um belo dia, aconteceu isso, e na última reunião que eles tinham tido, de diretoria, tinham deixado um espaço na ata. De noite, o secretário-geral entrou, foi lá no espaço da ata e falar: “Fulano – que eram os italianos - Fulano, Ciclano e Beltrano estão demitidos”, não sei o quê, não sei o que lá. O Juventus reabriu as portas de novo, por causa disso. Foi lá, aproveitou o espaço de papel na ata e demitiu os... Constou como demitidos os italianos, e o Juventus não teve nenhum problema graças a isso. Mas você vê que o Juventus teve diretores militares, na época, por conta disso. Voltando à década de 60, o Juventus tinha... As torcidas eram vistas de uma forma diferente, na época da ditadura militar. Você tinha os confrontos, os confrontos eram dentro do estádio, quando existiam, quando eles existiam. Mas não chegavam a violência atual, não chegavam porque a coisa era mais forte. Na rua Javari, por exemplo, você não tinha essa liberdade que você tem hoje de encostar no alambrado atrás do gol, no goleiro adversário.

R. F. – Não podia?

S. A. – Ah, não tinha não, nem subir no... Não, não tinha não, porque a policia ficava...

R. F. – O policiamento...

S. A. – A policia ficava. Isso quando não entravam à cavalo lá dentro.

R. F. – Entravam? Você já viu?

S. A. – Eu vi gente levar com um sabre no rosto, e perder - não era torcedor do Juventus - uma pessoa que foi assistir o jogo, e perdeu a vista por causa disso. Eles entraram à cavalo e desceram o sabre.

R. F. – É?

S. A. – Opa!

R. F. – Década pós-64?

S. A. – Década de 60 isso, pós 64, foi sim. E você não entrava. Mas o máximo que ocorreu, foi o seguinte: você tinha uma época lá que o Ferreira Pinto era o todo poderoso.

R. F. – O presidente, o Zé da Farmácia?

S. A. – O famoso Zé da Farmácia, que diziam que ele era torcedor da Portuguesa. Eu não acredito nisso, porque ele tinha ascendência portuguesa, mas o segundo presidente do Juventus, que é o Manoel Vieira de Souza, também tinha ascendência portuguesa.

R. F. – Ele era farmacêutico, na Mooca?

S. A. – Ele era farmacêutico, lá na Mooca. Acho que se formou em direito, tal, e foi subindo. O que aconteceu com o Zé da Farmácia? Ele era um presidente poderoso, ele era mesmo, mas, na década de 70, o Juventus foi enfrentar a Ponte Preta. E também a Ponte Preta, no confronto com o Juventus, eles levam muita vantagem. Ponte Preta sempre teve muitos bons times. Eu falo com muito respeito da Ponte, do Guarani, da Ferroviária, do 15 de Novembro, que tem, para mim, a segunda torcida do interior, é muito forte, depois da Ponte. Do Botafogo do Ribeirão. Comercial, nem tanto, porque eles tiveram alguns problemas com a gente. Por parte deles, não por nossa parte, enfim. Mas, sempre que falo deles, falo com muito... São Bento, de Sorocaba. Sempre teve belos times e belos estádios. Eu, pelo menos, apreciava aquela arquitetura antiga, inglesa, aquilo tudo. E os jogadores do Juventus foram jogar lá em Campinas, e foram agredidos pela torcida da Ponte. Foram agredidos mesmo, pela torcida da Ponte. E o presidente da Ponte, na época, era um coronel do Exército. E o Juventus disse que ia ter a volta na Mooca. Ia ter e pronto. O que aconteceu? Ele veio, mas só que ele veio com o aparato militar enorme. Tomaram o campo do Juventus. Não veio tanta torcida da Ponte assim,

mas veio muita tropa. Não lembro se era... Foi a primeira vez que eu vi cães lá na... Então, foi um dia terrível, aquele. Cães patrulhando, e tal.

R. F. – Você lembra o ano?

S. A. – Ah, metade da década de 70, já. Porque a Ponte subiu de volta em 70, e isso deve ter acontecido lá por 74. O jogo acabou empatado, não aconteceu absolutamente nada, mas é para você ver como é que as coisas funcionavam na época. Era muito forte o policiamento, na época. Na Javari, você não encostava. Primeiro que o campo, na Javari, hoje você tem um ou dois... Ele diminuiu, em relação ao alambrado. O alambrado está onde sempre esteve

R. F. – Mas ele era mais próximo...

S. A. – A rede terminava no alambrado. O goleiro, se ele vinha buscar a bola atrás do gol, ele se enroscava na rede. Então, para você ver o que acontecia. Você estando perto (risos). E a polícia ficava lá, você não encostava. Não tinha essa de você subir no alambrado do gol, e tal, não tinha esse tipo de coisa. Assim foi a década de 70. Já estávamos no final da “CAJU” já.

R. F. – E qual que era o perfil, Sergio, dos torcedores da “CAJU”? E qual era o número de torcedores que chegou a reunir a “CAJU”, você acha, no seu auge?

S. A. – Pouca gente. O que eu digo é o seguinte: juventino juventino, hoje, se você for contar o cara que torce só para o Juventus, e aí eu conto as pessoas que nasceram, que são poucas, deve ter eu e mais uns cinco ou seis. Eu, Paulo Coronato, Sergio Cipullo mais uns quatro ou cinco lá, o meu tio, o Angelo, o Conrado, que é meu primo, sabe? E mais os convertidos, que teve gente que se converteu, que veio do Palmeiras, do Corinthians, do São Paulo, não sei o quê, e que é pior que a gente (risos), eles são mais fanáticos do que a gente. Não admitem, mas eles... Eles não admitem, por exemplo, certas coisas, que a gente era até condescendente, e eles não admitem, por exemplo, antigamente, um cara falava: -“Ah, o Juventus é meu segundo time”. Para mim, passava batido, porque eu sempre ouvi isso. Para essas pessoas, não. Por exemplo, eu lembro do seguinte, a pior coisa é você ser torcedor de um time pequeno, quando você é criança. E eu fui para o primário, e eu sou juventino, aí se eu falasse que não era. E, na

Mooca, o que você tinha? Era assim: de cada 100, era 80 palmeirenses, 15 corinthianos e cinco são paulinos, era assim. Na minha classe, tinha eu de juventino, e tinha um são paulino. Você sabe quem é. Tinha um são paulino (risos), o resto... No primário.

R. F. – O resto?

S. A. – Você sabe de quem eu estou falando.

R. F. – Sei.

S. A. – O resto era palmeirense. E olha que o São Paulo tinha uma torcida pequena. A torcida do São Paulo, antigamente, não era grande não. Bom, você sofria toda a espécie de *bullying*. Eu me lembro da minha doença, poxa, eu queria ir para a escola no dia da revolução de 31 de março de 64, eu queria ir para a escola, para mim pouco importante aquilo. Em compensação, no dia que o Juventus tomou de 10 do Santos, eu fiquei com catapora, inventei 200 doenças para não ir para a escola. Porque eu sabia o que ia acontecer no dia seguinte. Me lembro daquele jogo como se fosse... Eu jogando bola na rua, e a fábrica em frente com o rádio: um, dois, três dez (risos). Foi que nem Alemanha e Brasil, foi mais ou menos desse jeito (risos). Agora, a torcida do Juventus, “CAJU”, ela reuniu, no máximo, 50 pessoas.

R. F. – E eram todos juventinos, ou não? Muito misto de torcedores?

S. A. – Não, não. Você tinha torcedor misto. Como hoje. Hoje, se eu contar, não dá 70 juventinos, juventinos. Aqueles que dizem que são, que não sei o quê, que vão lá de domingo, e põe a camisa, não. Eles estão ali juventinos, por algum tempo. Mas juventino, juventino no duro, somos pouquíssimos. É igual a Portuguesa. Eu soube, eu fiquei pasmo, eu achava uma outra coisa. Eu fiquei pasmo quando, eu tenho amigos que são conselheiros do Juventus, a Portuguesa falou: - “Ah, porque só tem palmeirense e corinthiano naquele conselho”. Falei: - “Mas como? A Portuguesa, que é um time de colônia”. Falou: - “Que! Tudo igual”. Então, eu respeito quando o cara: “Não, eu torço...”. Outro dia eu vi uma entrevista maravilhosa, um velhinho falando: - “Eu torço para o Tanabi”. Eu falei: - “Po, esse é o meu ídolo”. (risos). – “Eu torço só para o Tanabi, e está acabado”. Eu falei: - “É isso, é isso! Eu respeito isso”.

Respeito muito. Porque torcer para o grande é fácil. Bom, e eu não esqueço jamais o que eu ouvi, uma vez, um torcedor do América do Rio falar. E o América tem glórias, o América, nossa! Se for comparar com o Juventus, ele é muito mais glorioso. Ele virou assim, e falou: - “Torcer para o Flamengo para quê? Que diferença eu faço? Eu torcendo para o América, eu faço mais diferença”. Faz mesmo, você vê quando chega. Vocês não imaginam a minha alegria quando eu vi surgir o tal do setor dois. Olha, a gente ia para trás do gol, e continuo torcendo só atrás dos gols. Só vou atrás do gol. Eu via, olhava um para o outro, daqui 20 anos, morreu todo mundo, acabou. Acabou a torcida. A torcida acaba antes do time. E o Juventus tem essa característica. Jogador conhece o torcedor pelo nome. A gente não, a gente não conhece eles. Eles sabem quem é quem (risos). De tão intrincada que é a coisa. Quando surgiu o setor dois, a torcida setor dois, nossa! A coisa voltou a florescer. E eles vieram com outro espírito, uma coisa totalmente diferente. A JU JOVEM parece que está renascendo. Que bom! Torço para que renasça, e tal, enfim. Só acho que não deveria haver uma divisão tão grande entre as torcidas, porque continuam sendo aquelas 60/70 pessoas, só que divididas em dois, em três (risos). É dividir o indivisível. Bom, então você tinha no máximo isso, que a torcida CAJU teve, foi 50/60. Eu sei que a JU JOVEM chegou em um determinado momento que ela teve 700/800 inscritos. Eles eram mais organizados, era uma instituição, CNPJ, o Sérgio comandava.

R. F. – Como que foi que você viu isso? A CAJU terminou, então, década de 70, você continuou, indo em jogo fora...

S. A. – Eu continuei indo ao campo. Continuava indo aos jogos fora. A gente sempre foi por nossa conta. Eu me lembro que a diretoria só ajudou quando nós fomos a Bauru, ver a decisão do Paulistinha. Decisão não, eram pontos corridos, que o Juventus venceu lá, e foi campeão, em 71. Mas a gente ia muito por nossa conta. Eventualmente os pais se cotizavam, porque a gente não trabalhava ainda. Se cotizavam e: - “Ah, vamos alugar um ônibus?”. - “Vamos”. Então, acontecia isso. Mas precisava ser aí um jogo em Campinas, ou um em Jundiaí, ou em Sorocaba. Coisa próxima, para que não encarecesse.

R. F. – A faixa etária era?

S. A. – A faixa etária, entre... Você tinha o Ciccio que era um pouco mais velho, mas o resto era entre 16 e 22 anos. Era todo esse pessoal. Tem alguns ainda que frequentam lá.

R. F. – E a maioria era sócio, também?

S. A. – A maioria era sócio.

R. F. – Do Clube?

S. A. – A maioria era sócio, também porque a maioria era jogador de basquete do Juventus, da natação do Juventus.

R. F. – E muito morador da Mooca?

S. A. – Muito morador da Mooca. Você tinha muita gente que eram atletas do Juventus. Que gostava de futebol, e que não conseguia jogar futebol.

R. F. – E você lembra algum grito de guerra que tinha, na época, alguma coisa?

S. A. – Não. Não tinha um grito específico. Eu lembro que a torcida anterior, a velha Tropa de Choque, tinha um grito de guerra que falava: - “Nossa turma é boa e vem da Javari”. E aí o resto eu não posso contar.

R. F. – Mas pode, se quiser, fica à vontade!

S. A. – Não, não, deixa pra lá. Eles tinham um grito de guerra. Nós não tínhamos grito de guerra. Nós gritávamos: -“Juventus”, gritava... Mas não existia, por exemplo, cânticos, gritos de guerra, como... A não ser que a JU JOVEM teve grito de guerra, que cantavam as outras torcidas. A setor dois já é totalmente original, ela canta os cânticos dela, ela faz os cânticos dela, ou copia cânticos argentinos, é essa a origem dela, e pronto. Eles já fizeram entrevista com a setor dois?

R. F. – Não.

S. A. – Ainda não?

R. F. – Não, ainda não.

S. A. – Don Toro vem aí?

R. F. – Ele não quer muito.

S. A. – Está muito estranho isso. Bom, isso está muito estranho (risos), depois a gente conversa.

B. G. – Mas e vocês chegaram a ter bandeira, tinha uma bandinha, alguma coisa?

S. A. – Não, não. Era uma coisa muito simples. Era muito simples, muito pobre, muito humilde. Bandeiras, a gente levava as nossas, mas eram bandeiras do Juventus. Uma coisa, que eu vejo como um bem, em relação a hoje. Hoje as pessoas confundem o meio com o fim. Eu vejo dessa forma. Dois exemplos: torcedor e o fiel religioso. Para ele, o mais importante é a torcida, ou a igreja dele, do que chegar a Deus, ou o time ganhar. Eu vejo desta forma. Esta é a crítica que eu faço. É um corporativismo tão grande, que ele esquece do objetivo final. O nosso objetivo era ver o Juventus ganhar. Então, o fato da gente não ter uma organização, era benéfico em relação ao nosso amor ao time. Puro e voltado só no time. A gente não ficava preocupado: ah, se a CAJU acabar... Se a CAJU acabou, nós continuamos indo ao campo, todos. Todos. Até durante algum tempo, alguns ainda vão, tirando eu, alguns ainda vão, estão lá, atrás do gol. Velhos, mas estão lá atrás do gol. E hoje não vejo isso. Hoje eu vejo, se você começa a ver, por exemplo, você tem uma divisão, JU JOVEM, você tem três torcidas lá no Juventus, não posso chamar... Organizada é a JU JOVEM, porque tem um CNPJ, mas você tem três grupos: você tem a JU JOVEM, você tem o setor dois, que é o maior, e a Fedayin. Eles não...

R. F. – Não dá 100 pessoas, se juntar tudo?

S. A. – Não, se juntar todas, não dá 100 pessoas. Mas, po, você chega na hora, coloca um ônibus, não lota um ônibus? Como? Ah, você tem a condição financeira das pessoas. Tem condição financeira, mas, sabe? Aí o clube vai lá, e subsidia. Não lota. Falta vontade, falta uma série de coisas. Então, o que eu vejo é isso. A grande diferença é: o clube, o clube não como instituição, mas o time, o amor ao time estava acima do amor, do compromisso com a torcida, você entendeu? O cara tem, no meu entender, ele não pode ficar se vinculando, ele tem que ver o bem do país, e não o bem do partido dele, como é como hoje. Querer atingir a perfeição espiritual, e não dizer que a igreja dele é melhor. Você entende? (risos). É isso que eu vejo. Corporativismo, para mim, estraga, nesse aspecto. É bom na organização? É bom, mas estraga na pureza.

R. F. – Sergio, como que você viu... Você continua frequentando, aí surge, na década de 80, a JU JOVEM.

S. A. – Surge, na década de 80, e aí eu faço um parâmetro: surge na década de 80, e o Juventus passa a disputar os Nacionais. Já é outra... E a década de 80, praticamente o clube havia encerrado as obras. O clube. Acho que, talvez, eu não lembro... Já havia encerrado obras. Então, já não tinha mais o que injetar dinheiro em obras.

R. F. – Então foi o auge do...

S. A. – Aí foi o auge do futebol. Por quê? Como o Juventus é sustentado, salvo raríssimos períodos, o time de futebol é sustentado pelo clube. Como o clube é sustentado? Já foi muito sustentado por sócios, hoje não. Hoje ele é sustentado por eventos, enfim. Tem as suas receitas. Mas a renda não sustenta o futebol. Como não sustenta de nenhum grande. É por isso que você é obrigado a ter o patrocínio, e tal. Nem dos dois grandes, gigantes do Brasil, Flamengo, e o... Você não consegue, mesmo que lotasse o Maracanã, não dá. Não é isso que vai fazer o time andar. Bom, e você tem o Juventus da década de 80, e você começa a disputar os Nacionais. Juventus disputou o primeiro Nacional, o segundo, atual série B, agora só tinha duas séries, mas a atual série B, no ano de 80. A partir daí, bons times, bons resultados, e isso foi na década de 80. Na década de 90, já deu uma caída, a coisa deu... Eu não sei o motivo, mas já começou a dar uma caída bastante grande. E, a partir daí, hoje eu já considero, as pessoas falam, vem

com aquele discursinho: - “Ah, o Juventus não deveria sair de onde saiu”, tal. Eu tenho dúvida. Hoje, se o Juventus subir para A1, ele cai, não se sustenta. Sem um patrocinador, sem alguém lá para bancar, ele não se sustenta. Por outro lado, acho que a série A2 seria, atualmente, a divisão confortável, divisão de conforto do Juventus. E acho A3 uma humilhação, pelo passado, pelas glórias, tal. Acho isso. Eu ficaria bem na A2, diante do que o Juventus tem investido.

R. F. – E como que foi que você viu, na época, esse surgimento da JU JOVEM? Você lembra de estar indo nos jogos, viu um grupo surgindo...?

S. A. – Eu lembro, eu lembro sim. A gente não... Me lembro de convidarem para entrar, alguns parentes meus entraram, não entrei...

R. F. – Você conhecia?

S. A. – Conhecia as pessoas, tal. Para mim, eram novatos ali. Tinha gente que migrou da CAJU para a JU JOVEM direto, Alfredão, Sergio Miniaci, foram pessoas que passaram direto lá para... Mas, a partir da década de 70, quando se extinguiu a CAJU... Ela está aí até hoje... Ela foi morrendo aos poucos, as pessoas já não estavam mais interessadas na questão de torcida organizada. O Sérgio veio com uma outra ideia, veio com uma ideia de organização, de formalização, ele colocava o ônibus, que ele mesmo dirigia, à disposição da torcida. Então, eram outros 500. E jamais foi uma torcida violenta, jamais. O Sérgio tinha horror a esse tipo de coisa. Não que tivesse medo, ele não gostava, ele não gostava. Esse é um aspecto muito bom nele.

R. F. – Sérgio Mangiullo?

S. A. – Sérgio Mangiullo. Ele não gostava do confronto com outras torcidas, ele fazia o possível dele. Não ia lá puxar o saco dos caras, mas também, sabe, ficava na dele. Ele era muito tranquilo. A diferença, por exemplo, entre o que eu vejo como é a torcida, o que me encantou na torcida... Deixa eu falar da JU JOVEM ainda. O que eu vi na JU JOVEM e que me desgostou, foi o fato de eles começarem a entrar politicamente no clube. Você entende? Eles eram muito vinculados à diretoria no clube. E eu acho que perde a razão de ser, eu acho que

você perde a tua liberdade. Tudo bem, de vez em quando, você ser ajudado com ingresso, de vez em quando você ser ajudado em um transporte mais longo, em um jogo importante, claro, não tem problema nenhum. Eu não vejo isso, mas muito de vez em quando. Desde que não vire um vício. E aí, por conta disso, eles começaram a eleger conselheiros, e por conta disso, ficou aquela, vamos dizer assim, promiscuidade. Eu não aceito isso, eu não gosto disso, mas isso sou eu. Eu, como pessoa. E, durante ainda a existência da JU JOVEM, que ela ainda existe, mas ela começou a se reduzir, e você teve o setor dois, que me parece ser. Não tenho certeza do que vou falar, mas é uma dissidência, você tem muita gente que saiu da, ou que torcia junto lá com a JU JOVEM, e montou lá o setor dois. Já começou com ideias diferentes, os cânticos eram diferentes, um jeito... E o que eu vejo, o que me encanta no setor dois, hoje, é o seguinte: eles estão pouco se importando se existe uma outra torcida xingando eles, ou não. É como se não existisse. Olha, eu presenciei várias vezes, eles cantam, cantam, os caras da torcida do lado, irritado, eles não param de cantar. Time perdendo, eles não param de cantar. Os caras vão, vem, xingam, eles nem... É como se não existisse, até é pior do que uma agressão, é um desprezo à torcida alheia (risos). Eu acho sensacional, porque é um movimento pacífico, mas não é servil. Você não abaixa a cabeça para outra torcida, você não corre da outra torcida, você ignora. Nossa, eu acho isso sensacional (risos). Como se o outro não existisse, eu estou na minha casa, faço o que quiser. Pois não.

B. G. – Eu queria voltar um pouquinho nessa época da CAJU, que vocês faziam, vocês iam acompanhar alguns jogos fora da cidade. Como que vocês se organizavam? Vocês iam com ônibus, vocês eram escoltados?

S. A. – Não, não.

B. G. – Não tinha?

S. A. – Juntava carro de quem já dirigia, pais. Vamos? Vamos. Era assim. Muito amadorista, você entende? Muito uma coisa: vamos? Mas você só ia perto. Quando eu falo: eu ia assistir jogos longe, eu, porque eu ia, o meu pai, por ser o diretor, eu ia com ônibus do clube, meu pai chegava lá, ele fazia questão de pagar o hotel, pagava tudo à parte para mim, não sei o quê, eu ia assistir aos jogos. Ia longe. Agora, perto, não. Perto, nós nos cotizávamos, era carro das

pessoas. Foram raríssimas vezes, que eu me lembro, da gente conseguir alugar um ônibus e ir assistir um jogo mais longe, assim. Eu lembro de Bauru, só. São bastante pontuais. Agora, você jogava, muitas vezes, na rua Javari.

R. F. – Ah é? Conta mais, aproveitando isso, conta mais desse espaço social da Javari, antes do clube ter essa área social. Como que...

S. A. – Como é que era?

R. F. – Como que funcionava, tinha um bar, tinha uma vida...?

S. A. – Era algo, assim, que vocês vão falar: - “Não, aquilo não podia acontecer!”. Acontecia. Você, quando entrava, entrando pelos portões da Javari, você tinha o seguinte: você tinha, do seu lado direito, o salão, que ainda existe hoje, que é uma quadra de futebol de salão, que é usada para aquecimento, e do lado esquerdo, um salão idêntico, do mesmo tamanho, onde está a estatua do Clóvis, e a lojinha do clube. Bom, o que eu me lembro daquilo? O do lado direito, sempre era salão de futebol de salão. Quando chegava na época dos bailes, ele era improvisado para bailes, principalmente os bailes de carnaval, chegou a ser teatro, chegou a ser cinema. Roberto Carlos cantou lá, pra você ter ideia. Roberto Carlos cantou lá. Nossa, foi...

R. F. – Você lembra que ano?

S. A. – Nossa, isso é muito... Acho que metade...

B. G. – Foi meio que no auge dele, assim?

S. A. – Não, primeira metade da década de 60. Ele já estava no auge, já. Ele está no auge há muitos anos (risos). Já tinha começado, já era um cara de sucesso. Ele cantou perto do bar, onde é a cantina. Você tem as duas escadas, e do lado esquerdo, era *ring*, porque você tinha luta livre. Ali, muitas vezes, lutavam... Você tinha boxe e...

R. F. – Onde era a estátua?

S. A. – É, é. Bem ali. Você tinha o boxe, e você tinha a luta livre. E a luta livre, muitas vezes, Telecatch. Eles passavam, a televisão vinha, televisionavam dali, tal, era o Ted Boy Marino. Por isso que, quando falam quando, em 2009, mandaram gente de fora, capangas, agredir a torcida, antigamente, os lutadores protegiam a torcida. Diz que, quando falam isso, é verdade, foi a antítese de tudo que aconteceu. Foi um episódio triste, lamentável, que eu não vou falar aqui, do que aconteceu em 2009, na rua Javari, mas, quando o Juventus estava caindo para a terceira divisão, da segunda para a terceira divisão. Então, o lado esquerdo, como é que funcionava? Você tinha bailes no carnaval, que era o auge, você tinha o baile do lado direito, que era para crianças. E, no lado esquerdo, já para adolescentes. E à noite, os dois salões para adulto. Abria tudo e virava um salão para adultos. A cantina, onde é, no mesmo lugar, os vestiários, no mesmo lugar. Onde é que esta a diferença? Por exemplo, não existia saída lá em cima. Então, quando você chega e vê janelas embaixo da arquibancada, tem umas janelas redondas, ali era a sala de reunião da diretoria. Ali funcionava o clube. Do lado esquerdo, embaixo, era a secretaria, em cima era a diretoria. Ali funcionava o clube.

R. F. – E tinha um bar, as pessoas frequentavam, durante a semana, saindo do trabalho?

S. A. – Aí, não, não sei nem te dizer, porque, primeiro, porque eu não entraria, se fosse criança. Para você ter uma ideia. Você não entrava no campo com menos de cinco anos. Agora, o que eu me lembro, é que você tinha um outro bar perto da escada, mas era alguma coisa bem precária. Bem precária mesmo. Era isso. Aí você entrava, o lado esquerdo, onde é o setor dois, era idêntico, só que você não tinha aquela parte, hoje, que é academia, ali atrás, onde entra o ônibus do adversário. Isso não tinha, aquilo não era do Juventus. Do outro lado, você tinha a casa, embaixo do placar, era a casa do zelador, famoso seu Agenor. Que cuidou do campo durante muito tempo. E atrás do gol da concentração, você tinha, na década de 60, você tinha só o *playground*. Aí, depois, se construiu a concentração, e a casa do administrador do clube, onde é, hoje, o vestiário das categorias de base. Era assim a Javari. E você tinha, do seu lado direito, do lado da arquibancada social, a arquibancada de madeira. Ali mudou muito pouco, muito pouco. Eu não peguei o tempo das cerquinhas, já peguei nesse alambrado. As cerquinhas, acho que foi até a década de 40, início de 50. E hoje está voltando as cerquinhas. Hoje cerquinha é símbolo de arena, não é?

R. F. – É. (risos).

S. A. – É chique, não é? É coisa que nem inglês, tal. (risos).

R. F. – Que coisa!

S. A. – Que coisa, não é? Está voltando.

B. G. – Mas vocês jogavam lá, no...?

R. F. – É, conta como que é isso? Vocês usavam o campo?

S. A. – Ah, era muito mais livre do que hoje. Muito mais livre. Você usava o campo, você brincava.

R. F. – Para a torcida? Você lembra de...?

S. A. – Lembro, lembro. Lembro de torcida, tinha... Deixavam usar. Eu me lembro que eles diziam, uma coisa que eles diziam, você ia brincar. A verdade é essa. Não que tivesse um jogo organizado. Você ia lá, você entrava, você brincava. Desde que não tivesse treino. Que, antigamente, você tinha. O Juventus sempre jogava à tarde, domingo à tarde. Esse negócio de jogar de manhã já é década de 70, já começou a jogar de manhã. Você tinha preliminar, antigamente você tinha o aspirante, ou juvenil, júnior, e o jogo principal. Sempre tinha isso, os times aspirantes eram muito bons. Você podia brincar, você podia entrar, você podia fazer o que você quisesse, era muito livre.

R. F. – Isso era aberto para as pessoas, em geral, assim?

S. A. – Aberto, aberto, no geral. Não tinha muito.

R. F. – Não tinha muita frescura?

S. A. – Não, nada que é hoje, hoje os caras não abrem. Você podia assistir treino, você podia... Era um mundo diferente. Eu acredito que também era assim no Corinthians, que também era assim no Palmeiras. Não é porque era o Juventus. O modo da vida era diferente, muito mais livre, muito mais simples.

B. G. – E você, bom, seu vô foi fundador, e tal. Você nunca se interessou por fazer parte...

S. A. – Jogar futebol?

B. G. – Da diretoria? Jogar futebol, da diretoria...?

S. A. – Jogar futebol, eu tenho só uma passagem. Eu jogava no Juventus, basquete. Então, a única coisa que eu pude... Só que eu adorava futebol. A única coisa que eu poderia levar para o futebol era a impulsão. E eu gostava. Na várzea, na brincadeira, jogava de zagueiro, e tal, porque era grosso de bola. Mas eu queria porque queria fazer um teste. Na década de 70, surgiu a categoria “dente de leite”, que seria um sub-14 ali. E eu enchi meu pai, enchi meu pai: - “Pai, queria fazer um teste, eu e meus amigos da rua”. - “Está bom, eu vou arrumar”. Ele já sabia o que ia acontecer. E tinha um joguinho treino contra o São Paulo lá, aquele dia. Falou com o técnico, o técnico: - “Ah, tudo bem, vem aí”. Bom, a minha carreira de quarto zagueiro durou, mais ou menos, uns seis minutos (risos), se chegou a isso. Porque me mandaram marcar um cara, eu tentei dar três pegadas no cara, e não achei o cara. A bola estava no chão não estava no alto. Se fosse no alto, eu ia ganhar todas, mas a bola vinha pelo chão. O nome do cara era Muricy. Então, ele vinha com a bola dominada (risos), imagina, eu subi. Subi, 14, 12/13 anos. Subi. Ele vinha com a bola dominada, e passava.

R. F. – Muricy Ramalho?

S. A. – É, o próprio. Jogadorzaço. Vi de perto, muito de perto, mas não alcancei (risos). Acabou ali a minha carreira. Agora, eu nunca me interessei muito em ser diretor de nada. Uma vez me convidaram para ser diretor de basquete, mas quando eu fui ver como é que estava a situação, isso e nada é a mesma coisa, não vou conseguir fazer absolutamente nada. Eu fui, durante

quatro anos, como conselheiro, agora. Não me reelegi, nem concorri à reeleição, porque eu achei que aquilo era uma coisa que não levaria a nada. Sabe quando você fica quatro anos e acaba vendo o bastidor. Fico imaginando: será que era assim na época do meu pai, ou as coisas eram diferentes? Não sei como é que... Enfim, fico pensando. Eu não, não foi bom, para o meu gosto, não.

B. G. – E hoje você também não tem vontade?

S. A. – Nenhuma. Eu vou ao campo, inclusive vou ao estádio, se alguém vem falar de política perto de mim, eu sou extremamente grosseiro. Política de clube. Eu sou extremamente grosseiro com a pessoa. Eu vou, vou para encontrar meus amigos, vou para falar de futebol. Futebol, exclusivamente. Falar bem ou mal do time. Mas aquilo, eu foi para aquilo, eu vou para ter prazer. E política não me dá, nem a partidária, nem a geral, nem a de clube, me dá prazer. Pelo contrario, é um desprazer, para mim, falar nisso. Eu vou pelo futebol, por amor ao esporte, e amor ao meu time. Agora, nunca deixei de assistir outros times, sempre fui. Eu fui ver até a Portuguesa jogar, várias vezes (risos). Até a Portuguesa, na década de 70, era um time muito melhor que, nossa! Extremamente bom, fui ver eles jogarem. Mas o nosso conflito com a Portuguesa, desde 54, não sei o quê, ocorreu, principalmente, em um jogo... A portuguesa, se não me engano, eles reinauguraram o Canindé, em 72, início da década de 70. E eles passaram o ano inteiro jogando o campeonato, e fizeram... Foi 71, eu acho. Bom, eu sei que foi no começo da década de 70. O que eles faziam? Eles pegavam o melhor do outro time... Já tinham um time bom, então eles pegavam um Rivelino, e faziam jogar por eles, aqueles jogos. Jogos comemorativos. E estavam invictos um ano, contra times brasileiros. Não perdiam. Perderam para os times estrangeiros, alguns, mas era muito bom o time da Portuguesa. Juventus foi jogar lá, um amistoso. Amistoso de começo de ano, começo de verão, chuva. Em janeiro, quando janeiro chovia, antigamente, em São Paulo.

R. F. – Bons tempos.

S. A. – Bons tempos. E o Juventus ganhou. Ganhou com gol de pênalti. Bom, então, para a gente, a coisa começou a pegar. E a gente cantando, e tirando sarro, gozando os caras, tal.

Embaixo de uma cabine de rádio, ali. Um jornalista, torcedor da Portuguesa, começou a convocar a torcida.

R. F. – Pelo alto-falante?

S. A. – Pelo rádio, antigamente... Começou a convocar a torcida. Todos nós, aquele dia foi uma coisa terrível.

R. F. – Você lembra o ano?

S. A. – Ou é 72 ou 73. Se você me der um tempo, até a data exata eu te acho.

R. F. – Foi no começo da Leões da Fabulosa, ali, não é, 72?

S. A. – Mas não foi ninguém do Leões da Fabulosa. Eu me lembro que as pessoas que agrediram a gente, estavam todas de avental de feira, você entende? A gente que saiu da padaria da feira lá. Não foi Leões da Fabulosa não. E agrediram. Mas foi um circo tão grande. Primeiro, eu me lembro do meu irmão rolando a escadaria. Meu pai, com uma certa idade, sendo agredido, eu... Todo mundo, saímos em um carro de polícia. A polícia trouxe até a Mooca a gente assim, três, quatro camburões trazendo a gente. Os jogadores que conheciam, desesperados dentro do campo, não podiam fazer nada, porque começaram a atirar coisas nos jogadores. Eu me lembro que um jogador tentou intervir, era o Antoninho Minhoca, ponta direita, conhecia a gente, tentou intervir. Nossa, levou tanta pedrada, ele dentro do campo, para pedir calma para as pessoas. Por causa da irresponsabilidade de um jornalista, que eu não vou citar o nome, primeiro porque ele morreu, mas porque não vou dar ponto para ele, entende? Hoje daria processo grande em cima de um sujeito desses. Aconteceu. E a diferença aconteceu naquele dia. Nós fomos lá, tiramos a invencibilidade deles. No ano seguinte, no mesmo torneio, só que na Javari. Juventus com um timaço, tal. Eles foram lá e tiraram a invencibilidade do Juventus, dos gols contra do Juventus, foi uma tristeza, mas foi isso que aconteceu. Então, a rivalidade vem da década de 50, aumentou. Agora diminuiu um pouco, mas os grandes rivais do Juventus, no passado, sempre foi o Ipiranga, a Portuguesa, e menos o Nacional. O Nacional nunca foi tão...

R. F. – Nunca teve torcida, assim?

S. A. – Eu não sei se eles tinham torcida, mas o confronto entre um e outro era muito desigual. Ganhava, tal, não sei o quê, mas era muito desigual. Ipiranga não, Ipiranga já tinha um time que tinha jogador de Seleção. O confronto estava não tão desigual, mas... É isso aí.

R. F. – Tem um episódio Sergio, que já ouvi falar, da rua Javari, que a Portuguesa, uma torcida portuguesa, acho que ela vai na Javari e ela vem procurando confusão...

S. A. – Sem dúvida.

R. F. – E, parece, que o pessoal do parque da Mooca, um time de várzea da Mooca é chamado e intercede a favor do juventino.

S. A. – É, ocorreu isso, um dia que você não tinha como... Você não separava as torcidas, então a torcida da Portuguesa vinha e tomava. E a gente ficava no meio deles. Não deixava de torcer por causa disso, só que a gente, eles ficavam na arquibancada e a gente no alambrado. Quer dizer, uma posição, vamos dizer assim, totalmente desvantajosa em relação a eles. O que acontecia era o seguinte: a Tropa de Choque dava conta, mas dava conta das sociais, nessa hora. Eles expulsavam os caras das sociais, e os caras se espalhavam, e, nesse dia, o que aconteceu é que a torcida do Juventus estava levando uma desvantagem tão grande, que pediram para o pessoal, Parque da Mooca, vir correndo. Parque da Mooca e Pepe Legal, juntos.

R. F. – Você lembra o ano disso?

S. A. – Não.

R. F. – Década de 70?

S. A. – Foi década de 70. O pessoal do Parque da Mooca, e o pessoal da escuderia Pepe Legal. Aí foi terrível

R. F. – Foi feio?

S. A. – Foi terrível.

B. G. – De conflitos que você estava? Você contou esse episódio, mas teve alguma briga, assim, que foi muito inesquecível?

S. A. – Ah, Juventus e... Ela não foi muito grande, mas ela foi inesquecível pela situação. Juventus e CSA, final do Campeonato Brasileiro de série B, em 83, no Parque São Jorge, na Fazendinha, houve uma conflagração ali entre a torcida do Juventus e a deles. Naturalmente, deviam ser pessoas, alagoanos radicados em São Paulo, não vieram de lá. Porque é difícil. Na década de 80, mais difícil ainda. O presidente deles era até um político muito famoso, e tal, entrou na confusão e a briga aconteceu, a briga está até... Até, outro dia, eu tive a oportunidade de ver o vídeo tape desse jogo (risos), e, realmente a briga aconteceu, e aconteceu lá em um ponto... Durou quase o jogo inteiro. Mas era a Tropa de Choque já, ainda. Tinha Jovem, já, já existia a JU JOVEM, claro, mas era Tropa de Choque já. Bem veterana, mas ainda...

R. F. – O açougueiro, o barbeiro...? (risos).

S. A. – O açougueiro, o barbeiro e o Oscar, e o seu Oscar. Seu Oscar ia a todos os jogos, fosse onde fosse.

R. F. – Que era do bar?

S. A. – O pai dele, o pai dele, o Oscar Pires. Ele ia a todos os jogos do Juventus. No interior, ou aqui, ele ia. E entrava no vestiário do juiz, para tirar satisfação do juiz, ele era assim. Chegou a ser íntimo de juízes (risos). Acabaram ficando amigos, de você ter uma ideia de tanto conflito que teve entre eles. Mas, olha, a torcida do Juventus, na verdade, nunca teve grandes... O último grande confronto, que eu me lembro, que foi na rua, isso foi com a torcida da Ponte Preta, por incrível que pareça, que é uma torcida que nunca teve grandes problemas. Mas ocorreu algum

problema na confluência entre a rua Javari e a rua Visconde de Laguna. Isso foi na década de 90.

R. A. – Que é o peixeiro?

S. A. – É. E a sede da Pepe Legal era ali ninguém sabia que a sede da Pepe Legal era ali. Começou a briga de rua, não sei o quê, não sei o que lá, e o rapaz lá viu que o comércio dele ia se atrapalhar, ele não teve dúvida: ele tirou dois “38”, e começou. Correu a turma do Juventus para um lado (risos), a turma da Ponte Preta para a Radial Leste, e ele acabou com a... Mas foi um conflito forte, porque acabaram quebrando lá onde é a pizzaria São Pedro, acabaram quebrando vidros, tal. Nem lembro porque ocorreu o conflito, porque não são rivais. Não tem grandes problemas. Quem começou com uma certa rivalidade, mas aí... Foi o Comercial de Ribeirão Preto. O Comercial de Ribeirão Preto, ele começou... Teve um fato isolado, na década de 70, em que eles estavam lá bem atrás do banco, a torcida do Comercial. Pequena, mas estava atrás do banco do Juventus, e o pai de um jogador foi tirar satisfação deles, e agrediram esse pai de jogador. O time do Juventus saiu correndo, pulou o alambrado para bater nos caras. O jogo parou... O time, o pai de um colega, não é? Depois, eles tiveram... Eles alegam que o Juventus ganhou um jogo roubado deles, em 86, quando eles caíram para a segunda divisão, e por isso só conseguiram se reerguer agora, e voltar, porque eles compraram um time, não subiram. Compraram um time para subir, que é o Votoraty, compraram o Votoraty, diferente do Botafogo, que subiu na bola, diferente do 15 de Piracicaba, que subiu na bola. Aí eles alegam que foram roubados, mas aí o problema não é nosso. Um jogo quatro a três. Eles que vão tirar satisfação com o juiz, não com a gente. E a acusação mais grave deles é que o Juventus, no campeonato de 2005, o Juventus já estava tranquilo, ia disputar a final. Parece que colocou um time reserva contra o Bragantino, na Javari, e o Bragantino ganhou, e o Comercial deixou de subir, por causa disso, para a primeira divisão. Mas eles não dizem que eles tinham que ganhar o jogo deles, que eles não ganharam. Isso eles não falam. Eles esqueceram disso. Mas, quando você vai lá, você é mal tratado, lá em Ribeirão. Ou mesmo ser tão bem tratado no campo do Botafogo, ser maltratado no campo do Comercial. Eles deram a réplica na gente, ganharam de sete, da gente, em 2013, nós caímos para a terceira divisão, de novo. Eu acho que estamos quites, não é? Chega. Acabou isso. Eu também acho que deveria acabar a história com a

Portuguesa. Eles entregaram um jogo que nos rebaixou, em 54, e nós derrotamos a Portuguesa, em 2006, e rebaixamos a Portuguesa, lá na Javari. Então, tá, chega.

R. F. – Sergio, falando da década de 80, 83 Juventus ganha a série Prata, não é? A série B do Brasileiro; 85, a Copinha, Copa São Paulo, não é?

S. A. – 85 a Copa São Paulo.

R. F. – E 86, o Torneio Início?

S. A. – O Torneio Início.

R. F. – Conta essa memória, desse período. Quais são suas lembranças?

S. A. – Em 83, o que aconteceu, na realidade, em 83? O Juventus fez, talvez, o melhor campeonato na era profissional, a melhor classificação que o Juventus teve, e foi um quinto lugar, em 82. Então, ele foi convidado a participar da série A, Taça de Ouro, do Campeonato Brasileiro, em 83. E gozado, ele se classificou entre os cinco, ou seis primeiros, e a Ferroviária também. Ficou de fora a Portuguesa, foi disputar a série B, pela classificação no campeonato, como também ficou de fora o Santos. Só que o Santos foi convidado a disputar, por uma “porta dos fundos”, o campeonato nacional de 83, na série A. acabou sendo vice com o Flamengo. Fez uma campanha maravilhosa, para você ver só. Então o Juventus foi disputar a série A. Disputou todos os jogos dele no Parque São Jorge. Pegou, se eu não me engano, o América do Rio, na mesma chave, pegou o Atlético Mineiro. Me lembro do Éder, todo mundo foi ver o Éder jogar naquele dia, tal.

R. F. – Por que o Juventus não jogou na Javari?

S. A. – Acho que por tamanho de estádio. Embora o Parque São Jorge seja pequeno, ele é três vezes maior do que a Javari, cabe 15 mil pessoas. Então mandou os jogos lá. Eu me lembro que o Éder, ele batia os escanteios com uma curva, com uma velocidade, só que, como o campo, também, lá, era pequeno, passava tudo, então... Era tranquilo, ele não acertou um chute no gol

(risos). Ai o Juventus foi jogar o segundo jogo lá. Quando o Juventus foi jogar o segundo jogo lá, o que a polícia de Minas, lá no Mineirão - que foi lá no Mineirão - o que a polícia de Minas fez? Reservou um espaço, quase um quarto do Mineirão para o Juventus. Chegou lá, o Sergio Mangiullo e mais cinco (risos). Chegou a polícia: - “Mas em quantos vocês vieram?”. - “Não, nós cinco”. - “Mas como, vieram em cinco?! Eles reservaram tudo isso! É, porque nós vemos que vocês tem 120 mil sócios, então!” (risos). 120 mil sócios tinha, mas torcida, sabe... O sócio do Juventus raramente prestigiava o futebol, isso sempre foi assim. Bom, então aconteceu isso lá. O Juventus perdeu, se não me engano, lá. O que aconteceu? O Juventus não se classificou, para prosseguir, disputou uma repescagem com o Goiás, e perdeu nos pênaltis para o Goiás. E nessas, o Juventus desceu para a série B. A mesma coisa que ocorre hoje entre Libertadores e Copa do Brasil, e Champions League e Liga Europa, o terceiro vai para... Ainda tem uma chance de disputar um torneio menor. O Juventus veio. Por ter, tecnicamente, caído, naquele mesmo ano, que o Juventus não subiu. Não houve um acesso. Quem subiu foi o melhor classificado, até aquele momento, que foi o Botafogo de Ribeirão. O Botafogo veio disputar. A Ferroviária continuou fazendo um belíssimo papel, naquele mesmo campeonato, na série A. Eles foram muito bem. E o Santos, que tinha entrado pela “porta dos fundos”, foi vice-campeão. Melhor ainda, fez um papel melhor ainda. Aí o Juventus veio. E veio, acho que já entrou na oitava de final, fase de oitavas de final, e foi ganhando tudo. Tinha um bom time, o time era bom. Era o mesmo time, só tinha, acho, que vendido o Ataliba, para o Corinthians (risos), tinha vendido o Ataliba para o Corinthians, e colocaram um sócio do Ataliba no time, que era um tal de Trajano, que fazia gol do mesmo jeito. Mas foi bem. E o que eu lembro é isso. Lembro das finais, lembro de um jogo do Juventus, que eu estava trabalhando em Brasília, em Itumbiara, fui assistir. Eu era o único torcedor, acho (risos). Eu vi, Juventus ganhou lá, e ganhou bem, e lembro das finais, dos dois jogos finais, aqui, que foram absurdamente violentos.

R. F. – Dentro de campo?

S. A. – Dentro de campo. Fora de campo teve as escaramuças de torcida, como eu contei para ela. Mas não foi uma coisa violenta, ninguém saiu machucado, nem nada. Agora, no campo, foi muito violento, foi muito violento mesmo. Foi um jogo, o jogo final, foi um jogo com quase 100 faltas. Foi um absurdo.

R. F. – Das duas partes?

S. A. – Das duas partes. Eles mais, mas a gente também não afinou. Nós fomos mais violentos... Nós perdemos dois atacantes no primeiro jogo da final, aqui.

R. F. – Expulsos?

S. A. – Não, machucados.

R. F. – Machucados?

S. A. – O Trajano, foi quando ele fez o último gol, ele já ficou estendido. Foi calçado, ficou estendido dentro do gol, e não levantou.

R. F. – E você lembra, a torcida, ela se locomoveu da Mooca para o Tatuapé?

S. A. – Totalmente.

R. F. – Você lembra como que...

S. A. – Cada um...

R. F. – Por si? Não teve uma concentração?

S. A. – Por si, como é muito perto...

R. F. – Sim. E a comemoração? Teve alguma?

S. A. – A comemoração foi na rua Javari. Teve a pizza na São Pedro, e fechou a rua Javari, à noite. Ficou a noite inteira lá comemorando.

R. F. – No quarteirão da...

S. A. – No quartirão do Juventus. No quartirão do próprio clube, ali, do próprio estádio. Teve chope, aquela história toda, que é comum de fazer. O Juventus, na realidade, não esperava chegar aonde chegou, naquela Copa. Na final caiu. Caiu, mas não caiu, fomos disputar um torneio menor, mas não interessa se foi disputar um torneio menor. Eu te falei, disputou o Paulistinha, está bom. Só que o Paulistinha é igualzinho o campeonato de 2002, e que o Ituano foi campeão. Os pequenos depois foram lá, disputaram com os grandes, só que aqui se chama o “Super Campeonato”. E lá não, lá você entrava contra... Pegava seis contra os cinco, que eram os quatro mais a Portuguesa. Agora, eu lembro de 85, só que, eu lembro da final de 85, só que me marcou muito mais a final de 90.

R. F. – Contra o Flamengo?

S. A. – Contra o Flamengo. Depois, quando você vê o time do Flamengo, é Junior Baiano, é Djalminha, sabe? É Marcelinho...

R. F. – Foi na rua Javari, em 90?

S. A. – Não, foi no Pacaembu, em que o Juventus chutou cinco bolas na trave. Sabe, você fica... Mereceu ganhar? Mereceu, só que o Flamengo tinha esse time.

R. F. – Era Djalminha, Marcelinho...

S. A. – Junior Baiano. Era... Aí você vê quem é que saiu daquele time...

R. F. – Todo mundo virou...

S. A. – Todo mundo foi para a Seleção Brasileira ali. Todo mundo era craque. Independente do que achem, mas eram craques.

R. F. – E teve algum apoio aqui, você lembra? Por ser o Juventus, assim, um time...?

S. A. – Teve, teve bastante apoio sim. Teve um apoio, principalmente das outras torcidas. Copa São Paulo, não interessa, ela é uma atração por si só, e a final. Já conseguiram criar uma tradição de se fazer aqui no Pacaembu, que é o templo. Pacaembu é o segundo estádio que o Juventus mais jogou, aqui em São Paulo.

R. F. – Trocar a fita, Sergio.

[FINAL DO ARQUIVO II]

Nome do entrevistado: Sergio Valdez Agarelli

Local da entrevista: São Paulo - SP - Brasil

Data da entrevista: 06/02/2015

Entrevistadores: Bruna Gottardo; Raphael Piva Favalli Favero

Nome do projeto: *Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo*

Transcrição: Fernanda de Souza Antunes

Data da transcrição: 02/03/2015

Transcrição conferida por Raphael Piva em 28/04/2015

Entrevista 06/02/2015

S. A. – E, o pai dele, ele faleceu mês passado. Michel Laurence.

B. G. – É, Michel Laurence.

S. A. – E ele, o filho é o?

B. G. – Esqueci.

S. A. – É Laurence, é isso, é o da Globo.

Voz masculina – Isso, isso mesmo.

S. A. – É o gordinho da Globo.

B. G. – É o menino da Globo.

Voz masculina – Eu não sabia que o pai dele...

B. G. – É, o pai dele é muito importante.

S. A. – Leiam o que ele escreveu aquele dia, do Juventus. Em que ele fala do time do Juventus, em que ele se encanta com o time do Juventus, que não vão deixar ser grande, porque não sei o quê, não sei o quê lá. O juiz foi o Favilli Neto, eu lembro, só não devia falar aqui, não é? Mas foi, atrapalhou o jogo. Agora, o gatilho da briga, foi a bobagem que o Juventus fez, pisar na... O Leão se atira e pega, nos pés dele. Vai falar de confronto?

B. G. – É, para falar de confronto.

S. A. – Tá bom, tá bom.

B. G. – A gente já vai chegando nos finalmentes.

S. A. – Já? A hora que você quiser (risos).

B. G. – Então, Sergio, a gente gostaria que você contasse um pouco dos confrontos com os times, lá na rua Javari. Com o Palmeiras, que tinha bastante palmeirense lá na Mooca. Como que era esse...?

S. A. – Na verdade, é o seguinte: na década... Eles jogaram, na década de 60, eu vi jogar bastante, na década de 60, o Santos e o São Paulo. Por quê? E a Portuguesa. Eles tinham uma torcida menor. Então, o Palmeiras e o Corinthians raramente jogavam na rua Javari. Eu me lembro de, uma vez, de ver o Corinthians, não que ele não tenha jogado mais vezes, mas eu vi o Corinthians uma vez, na rua Javari, e o Palmeiras, uma vez. O São Paulo e o Santos, não. O

Santos muito, na rua Javari. O São Paulo, algumas vezes, mas mais do que os dois. E a Portuguesa sempre jogou. Jogou na Javari até 2008. Se a gente subir, eles vão jogar de novo. O que eu me lembro dos confrontos é o seguinte: todos falam dos confrontos do Juventus e Corinthians. Só que o time com que mais o Juventus levou vantagem, foi o São Paulo. Não é o Corinthians. Com cada grande, nós devemos ter entre 120 e 130 jogos. Com o São Paulo, nós ganhamos 24 vezes, do São Paulo. É pouco? É pouquíssimo, claro que é pouquíssimo. De 120 você ganhar 24! Mas é o grande que a gente mais levou vantagem. E ganhamos muito deles aqui no Pacaembu. Nossa maior vantagem contra um time grande foi contra o São Paulo, aqui, quatro a um, em 86. E o time que a gente menos levou vantagem, é o Palmeiras. Nós ganhamos do Palmeiras, como Palestra Itália, uma vez, isso vai de 24 a 42. Se não me engano, eles passaram a ser Palmeiras em 42. E ganhamos 11 vezes do Palmeiras. Então são 12 vitórias em 90 anos. É pouquíssimo? É pouquíssimo. O Juventus ficou, eu me lembro, o jogo que me marcou foi Juventus e Palmeiras, no retorno daquele seis a um, do Menotti, foi na rua Javari. Foi a única vez que eu vi o Palmeiras jogar na rua Javari. Então, eles foram, foram com tudo. O Leão já era o titular, nessa hora, no gol. E o Juventus ganhou de um a zero. Um gol do Antoninho Minhoca, no segundo tempo. Me lembro que ele cabeceou de lado, deu um “drible da vaca” de cabeça, no Leão. Entrou sozinho, cabeceou. E aquele dia foi a redenção do Juventus, que o Juventus há 12 anos não ganhava do Palmeiras. E eu me lembro da torcida do Juventus gritando para a torcida do Palmeiras que filial é a PQP. Era assim que a torcida... - “Ah, o Juventus é a filial, o Juventus não existe”, não sei o que, não sei o que lá.

R. F. – Tinha muito isso, de falar?

S. A. – Tinha muito isso, de falar de filial.

R. F. – Do Palmeiras?

S. A. – Do Palmeiras, falar da filiar. – “Ah, vocês são...”. Como os outros falam que o Juventus é um Palmeiras que deu errado. Os outros falavam isso, a Portuguesa falava muito isso. E eles chamavam a gente de filial. Não, aquele dia foi a redenção. O outro jogo que me marcou, também, foi no Pacaembu, quando o todo poderoso Palmeiras Parmalat, o começo do Palmeiras Parmalat, entrou em campo, e tal, ia jogar. E um jornalista da Bandeirantes, comentarista da

rádio Bandeirantes, disse assim: - “Não, é mais fácil o Juventus – gozado que ele é corinthiano, mas ele falou assim – É mais fácil um camelo passar por um buraco da agulha do que o Juventus ganhar do Palmeiras, hoje”. (risos). Adivinha o que aconteceu?! Então, são as raras vitórias do Juventus contra o Palmeiras, que me marcaram, que eu lembro. Lembro de umas três ou quatro, de eu ter presenciado. Outro, no qual nós ficamos cerca de 29 anos, acho que 28 anos sem ganhar, em jogos oficiais, foi o Santos. Então, nós ficamos, acho, que de 49 a 77. Empates, derrotas fragorosas, o Pelé, principalmente. Segundo o jornalista Fernando Galuppo, que é o maior historiador do Juventus, o palmeirense Fernando Galuppo, nesse intervalo de 29 anos, o Juventus ganhou uma vez, mas um amistoso. O meu pai falava de um jogo, e eu não consegui descobrir, em que o Juventus estava ganhando, e houve um pênalti contra o Santos, e, pelo que ele me fala, o Pelé ainda não estava jogando, então deve ser começo da década de 50. Houve um pênalti contra o Santos, contra o Juventus, e o goleiro do Juventus foi e pegou o pênalti, e encaixou o pênalti. Na hora que o goleiro encaixou o pênalti, a alegria dos zagueiros foi tão grande, foram lá, abraçaram o goleiro e a bola. Pênalti de novo (risos). Aí acabou a festa, você entende? Ih, eu quero deixar registrado uma coisa aqui. O primeiro gol de goleiro, no Brasil, não foi do Ubirajara, do Flamengo, viu CBF! A própria Globo mostrou que não. O primeiro gol de goleiro, no Brasil, foi do Juventus, um goleiro chamado Oceania, foi entrevistado outro dia, contra um time de São Caetano, não sei se o São Bento, de São Caetano. Eu não sei, um time que já está extinto. Mas foi um jogo na década de 50. Isso é bom para vocês pesquisarem também, como museólogos. Foi contra esse time, foi um gol de goleiro. Ficou famoso, fizeram marcha de carnaval para ele. Oceania, ele tem nome de continente, esse goleiro (risos). Na década de 50. Então, desculpa. Me perdi. Ah, contra o Santos, aconteceu isso. E o dia da quebra do tabu, foi um dia em que um centroavante vindo do São Paulo, chamado Tadeu Macrini, fez dois gols, lá na Vila Belmiro. Que nós quebramos o tabu, em 77. É verdade que o Santos não estava lá essas coisas, mas ganhamos. Ganhamos do Santos lá, terminou em 77. Então, o Juventus só tem, contra o Santos, se não me engano, nove vitórias. São pouquíssimas vitórias. A última vez, foi no campeonato, em 2008, em que o Juventus ganhou de três a um, no São Caetano, mas são pouquíssimas as vitórias. Contra o São Paulo, como eu disse, são 24. Contra o Corinthians, são só 17, em jogos oficiais. São cento e vinte e poucos jogos, são só 17. Mas são 17 marcantes. São marcantes. Tem aquela vitória, aqui no Pacaembu, em que o ataque do Juventus veio do time do Corinthians. E o Corinthians, se eu não me engano, estava lutando para ser terceiro ou segundo lugar. Eles brigavam por isso. O São Paulo e o Corinthians

brigavam para ser terceiro, porque o Palmeiras e o Santos não davam chance a ninguém. Naquela noite, eu me lembro que eles entraram, quando o time do Corinthians entrou, eles apagaram os refletores do Pacaembu, e a torcida do Corinthians acendeu isqueiros, tal, para recepcionar o time, porque eles achavam que ia ser...

R. F. – Que ano foi isso?

S. A. – Ah, 62 ou 63. Foi das primeiras. Aí, simplesmente foi feito tudo isso, tal. Fizeram dois a um no Juventus, só que o Juventus tinha vários jogadores do Corinthians. Um dos jogadores chamado Joaquinzinho, tinha vindo do Fluminense, tinha passado pelo Corinthians, foi jogar no Juventus. Já viu, não é? Três a dois, dois gols do Joaquinzinho, virou o jogo, acabou. Você teve um outro jogo, na década de 70, 72, aqui o Juventus ganhou com um gol de falta, de meio de campo. Na lateral, não perto da tribuna de honra, na lateral, do outro lado, no gol do fundo, que era o Tobogã, antigamente Concha Acústica. Uma falta perto da lateral, o Brecha bateu a falta. Só que, como eu expliquei para vocês, o Brecha bateia tudo com o lado de fora do pé, e a bola fazia uma curva que ninguém sabia onde ia acabar. Acabou dentro do gol. Foi a bola subir, descer, acabou. E nessas, o Dudu da Loteca ganhou sozinho na loteria esportiva, naquele dia. Só ele acertou a “zebra” (risos). Ganhou milhões, aquele dia ficou famoso por isso. Você teve um outro jogo, Juventus e Corinthians, também a mesma coisa aqui, estava dois a zero, tempo de Sócrates, timaço. Sócrates, não sei o quê, não sei o que lá, e o Juventus com metade do ataque, era... Tinha o Geraldão, tinha o Luciano, tinha vindo do Corinthians, tinha sido campeão em 67, o Geraldão também. O ponta esquerda era o Wilsinho, ex- Portuguesa, ex- Corinthians. Tião, no meio de campo. Era meio time do Corinthians, fizeram dois a zero. Quando fizeram dois a zero, voltou, e o Juventus voltou, aquele dia, de uma forma diferente. Voltou para o segundo tempo de uma forma diferente. Voltou correndo. Que não é comum time voltar correndo. Mas o capitão do Juventus era o Deodoro, pegou a bola debaixo do braço e entrou correndo, e o time entrou correndo atrás. Dez minutos de jogo, já estava três a dois, para o Juventus. São coisas que... Por que o Corinthians? Não sei. Aí com quem o Juventus se dá bem? Com o Corinthians? Em termo de cessão de jogadores.

R. F. – Sempre tinha proximidade das diretorias, assim?

S. A. – Não sei.

R. F. – O seu pai conta alguma coisa?

S. A. – Não, não existia. O que existia era, por exemplo, um intercâmbio de jogadores do Corinthians, como também do Juventus para o Corinthians. Mas mais deles do que... Eu não sei por quê. Porque, para o jogador do Corinthians, eu não sei como é que é o fluxo disso com a Portuguesa. Agora, é difícil eles trocarem entre os grandes. Você tem a questão da rivalidade. Então o jogador vindo de um grande para a Portuguesa, ou para o Juventus, é muito mais fácil. Uma vez o Juventus importou metade do time da Portuguesa, e se saiu muito bem. Eles mandaram embora todo o time, metade veio para o Juventus, na década de 70. Então é essa a história dos confrontos. Agora, com a Portuguesa, também não é... O confronto com a Portuguesa, tem uma grande vantagem em cima do Juventus. Mas o confronto é mais de torcida do que de time, aí. Agora com os outros, não. O que a gente ganha, a imprensa faz um carnaval maior quando o Juventus ganha, por ser o pequeno, e por vir com aquele estigma, porque no primeiro campeonato... O primeiro campeonato ninguém fala. O Juventus estreou em 30, contra o Santos. Tomou de seis, estreou na Vila Belmiro. Não sei se era Vila Belmiro, mas estreou em Santos. Tomou de seis. Aí o primeiro time grande que o Juventus ganhou foi o Corinthians. E era grande mesmo, na década de 30, era gigante já. O Santos é que não era gigante, você entende?

R. F. – Sim, sim

S. A. – Corinthians e Palmeiras eram. Por isso você tem um velho ditado, outro dia o Rogério Ceni, até, disse, quando o São Paulo foi campeão: é, a moeda caiu em pé. Porque, antigamente, brincavam: quem vai ganhar, Palmeiras ou Corinthians? Joga a moeda para cima... Quando a moeda caiu em pé, foi a primeira vez que o São Paulo ganhou um campeonato. São Paulo Futebol Clube. E o Rogério Ceni lembrou. Como ele é um cara que estuda a história do time dele, porque ele gosta, então ele lembrou esse ditado: a moeda caiu em pé, e o São Paulo ganhou. Era um disparate total. Era quase um Belo Horizonte e Porto Alegre, só tinha dois e o resto...

B. G. – Mas e de outras cidades? Tem algum outro time que tem essa disputa de vitórias, com maior número de vitórias, com algum outro time...

S. A. – Que o Juventus...

B. G. – No interior.

S. A. – Ah, não, no interior, o Juventus só tem, assim, vamos dizer, que tenha uma bela quantidade de jogos, uma boa amostragem de jogos, o Juventus, ele tem desvantagem, larga desvantagem, com o Guarani e a Ponte. Com os demais, tem equilíbrio. Tem bastante equilíbrio, quando você pega os tradicionais. Você tem uns que o Juventus tem uma grande vantagem, Taubaté. Dificilmente o Juventus perde em Taubaté (risos). Na verdade, vamos jogar lá de novo, esse ano. A gente vai lá, a gente é muito bem recebido. Eles vêm, eles também são bem recebidos. A ponto de, o ano passado, o ano retrasado, o Taubaté veio jogar na Javari, e eles tinham um técnico que havia sido do Juventus. A torcida do Juventus não gostava desse técnico, e a torcida do Taubaté estava com bronca da campanha. As duas torcidas se uniram para xingar o técnico (risos). Isso está gravado, foi uma coisa, assim, mais inusitada que eu já vi. As duas torcidas juntas. Entre torcidas, o tratamento é muito bom, mas a gente tem uma vantagem grande. Se bem que temos alguns jogos, ficamos muito tempo afastados, em séries diferentes, tal. Então, para você fazer comparação, você tem que fazer comparação com esses times com quem a gente vem jogando mais: a Portuguesa Santista, que é um time que a gente joga há 90 anos; a Portuguesa de Desportos; o Guarani e a Ponte, que a gente joga desde a década de 50; o Botafogo. Os tradicionais. Por exemplo, eu não conto time biônico. Para mim eles... Às vezes eu nem vou assistir, porque não considero time. Não vou assistir um *Red Bull*, eu não vou assistir um *Audax*, eu não os considero. Time que precisa levar o pessoal do escritório da empresa deles para torcer obrigado, como eles fizeram. Sabe, é um negócio, não é um time de futebol. Nem eles estão lá à vontade. Você viu quando o *Red Bull* foi lá? Os caras não se sentiam à vontade, foram obrigados a ir. Então, é diferente, não é amor, é negócio, interesse. É isso.

R. F. – Tem alguma coisa que...

S. A. – Não, eu só agradecimentos, muitos agradecimentos.

R. F. – Obrigado a você, em nome...

S. A. – Pela oportunidade de ter vindo falar do meu Juventus aqui para vocês.

R. F. – Em nome do Museu do Futebol, da Fundação Getulio Vargas, do CPDOC, a gente agradece muito a sua presença, contar essa trajetória do maravilhoso Juventus (risos). Deixar registrado, o maior time do mundo. E muito obrigado.

S. A. – Eu que agradeço, muito obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]